

DA VIDA DAS ANEDOTAS

A. MACHADO GUERREIRO

Lisboa

I. A AUTORIA E A IDADE

No dia 29 de Dezembro de 1983, entre as 15 horas e 50 e as 18 horas, três pessoas, em três locais diferentes, contaram-nos três anedotas — que eram a mesma anedota ou, talvez dizendo melhor, três variantes da mesma anedota.

Achando o caso curioso, pensámos que ele seria uma aproveitável achega para se poder afirmar que nunca temos a certeza de que uma anedota é velha ou que é nova, que nasceu aqui ou acolá.

O nosso amigo J. G., depois de nos perguntar se sabíamos a última, e obtendo como resposta «A última não sei», contou-a, pouco mais ou menos por estas palavras:

«Foi um tipo que vinha com um carro, à pressa, à procura dum sítio para arrumar, e all na Rua de Malpique, vendo um lugarzinho à direita, atrás dos carros que já lá estavam, tratou de arrumar o dele. Vem logo o polícia de serviço e diz-lhe:

— Você não pode arrumar aí.

Responde o outro:

— Não posso porquê? Não estou a menos de cinco metros da curva. Não há aqui nenhuma chapa de proibição. Tenho os documentos em dia. Pago as minhas licenças. Os outros podem arrumar e eu não posso arrumar, porquê?

— Não pode.

— Mas não posso porquê, senhor guarda? Explique lá isso.

— Não pode porque está à porta do Doutor M. S., que é o Primeiro-Ministro e ele está quase aí a chegar.

— Então, e o que é que isso tem? Eu deixo sempre ligado o sistema de alarme contra roubos!».

Começaremos por notar que a anedota contada, falada, é normalmente mais extensa, mais prolixa que a escrita, pois que, em regra, o contador pretende torná-la mais «verídica» e acrescenta-lhe pormenores que considera necessários e são quase desnecessários, embora, neste caso, esta seja bastante comedida, e que, naturalmente, se a não conhecêssemos, a anedota seria *nova* para nós, seria a *última*, como J. G. a tinha apresentado.

Pouco depois, o nosso amigo A. M. B. conta-nos a mesma anedota, com pequeníssimas diferenças, uma das quais era o homem dizer que tinha deixado «o alarme ligado no máximo da força».

Supondo que a não conhecêssemos já, *esta* anedota (ou esta variante) passava para nós a ser *nova*. E levantava-se-nos a primeira dúvida: A. M. B. tinha-a ouvido a J. G. ou este a tinha ouvido àquele? Criações independentes não eram. Algum deles a havia criado? E, se sim, quando? Uma destas dúvidas foi fácil de esclarecer: A. M. B. ouvira-a, como nós, a J. G.

Cerca de hora e meia mais tarde, o nosso amigo A. M. A. conta-nos a mesma anedota. Mas esta, agora, tem local diferente e roupagem um tanto diferente: passa-se em frente da Assembleia da República, o dono do carro é um emigrante, o polícia diz que «os Senhores Ministros estão a chegar e vem também o Primeiro-Ministro». E o emigrante responde que «Não faz mal, não há azar, eu já liguei o sistema de alarme». Este informador não a ouvira a qualquer dos outros dois.

Pondo de lado os pormenores insignificativos, as três anedotas são a mesma, pois o que caracteriza uma anedota é o remate, o desfecho, a frase final e inesperada da peripécia.

Ouvindo-a com tal insistência e em tão pouco tempo três vezes, era legítimo conjecturar que a anedota fosse *nova* e se tivesse espalhado pela cidade nesse dia ou, pelo menos, nos dias mais próximos.

Mas não era assim. O que se passou foi que, por qualquer caminho (um caminho das anedotas que não se sabe qual é), ela se espalhou, sim, mas adaptada de outra que, para nós, ia já nos seus cinco anos de existência...

No arquivo de que adiante se falará temos este trechinho:

«Um cigano arruma a bicicleta diante do edifício do Partido Comunista Jugoslavo. Logo um dos milicianos, que está de sentinela, vai ter com ele aos gritos:

— Não podes arrumar aqui a bicicleta. Tira-a já daqui. É a casa do camarada Tito, que vem cá todos os dias, sem falta. Ele não tarda aí.

— Não há perigo, camarada — replica-lhe o cigano —. Eu pus na bicicleta o dispositivo anti-roubo».

A anedota foi publicada no livro de ANTOINE et PHILIPPE MAYER, *O Comunismo Será Solúvel em Álcool?*, 3.^a edição, 1979, tradução portuguesa de ANTÓNIO LOPES RIBEIRO, editado por Editorial Intervenção, Lisboa (a 1.^a edição é de Paris, 1977, e a 2.^a, também de Paris, 1978).

Apesar de todas as diferenças (bicicleta X automóvel; cigano X português; P. C. Jugoslavo X residência do Primeiro-Ministro português ou assembleia da República; miliciano X polícia; Tito X Doutor M. S.) de adereços, acreditamos que a anedota portuguesa foi adaptada da francesa (?) ou (jugoslava?) e acomodada ao nosso meio por alguém. Porque, o fulcro, a «característica» é, propositadamente ou inconscientemente, por parte do dono do veículo, dar a entender que, tomada a precaução do dispositivo anti-roubo, não receia que o Presidente jugoslavo X Primeiro-Ministro português lhe roube o seu meio de transporte. Mas por simples ironia, ou com agressividade intencional?

Resta-nos saber — e por enquanto não temos elementos para isso — se a anedota de ANTOINE et PHILIPPE MAYER é original ou já adaptada ou inspirada de outra anterior.

Fica ilustrada a enorme facilidade de se contar a mesma anedota de diversas maneiras, a que cada contador dá o seu cunho pessoal, sem lhe fugir à essência.

Igualmente fica demonstrado que o facto de podermos datar uma anedota não significa que ela tenha sido criada nessa data. Pode sempre admitir-se a hipótese de que é mais antiga (pelo menos haverá diferença de tempo desde o momento em que nos é contada e o momento em que o nosso contador a ouviu — salvo se este é o criador, caso que é bastante raro).

O narrador dum romance popular procura ser o mais fiel possível ao que ouviu; o informador duma quadra popular é tão fiel quanto pode, na transmissão do texto que ouviu; mesmo o informador que nos reproduz um conto (descontado o aforismo de que «quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto») tenta que, pela maior parte, o diga como lho disseram. Quem propõe uma adivinha não a acrescenta nem a diminui. E da mesma forma procede, normalmente, quem cita um rifão, um adágio.

O contador de anedotas afasta-se um pouco destes paradigmas. No caso da anedota contada, é pouco provável que ouçamos dois contadores dizerem-nos exactissimamente as mesmas palavras quando nos contam a mesma peripécia. Aliás, o mesmo contador dificilmente a dirá da mesmíssima forma, se a conta várias vezes, ou porque não fixou rigorosamente o texto, ou porque as suas formas normais de expressão diferem de ocasião para ocasião, ou porque achou melhor suprimir pormenores, ou porque preferiu acrescentar outros para a anedota ficar mais completa, ou até porque pretende fingi-las mais verídica — quando não pretende, mesmo, fazer-se passar por autor...

Nas anedotas que se recolhem escritas há também as mesmas dúvidas (idade, local, autor) e as mesmas atitudes dos «transmissores», as pessoas que assinam a anedota que enviam para publicação.

No Arquivo de Linha de Acção de Recolha e Estudo de Literatura Popular Portuguesa (do Centro de Estudos Geográficos, do Instituto Nacional de Investigação Científica), de que é director o Professor M. VIEGAS GUERREIRO, estão recolhidas mais de três mil anedotas, que classificámos por ciclos: ciclo da vida individual, ciclo da vida sexual, ciclo da vida conjugal, da vida política, etc., etc. O primeiro destes ciclos tem, entre outras divisões, as de anedotas «passadas» com «Meninos Inocentes», com «Meninos de Escola», com «Meninos Precoces» e com «Namorados». Vejamos três casos.

Primeiro caso:

«O pai: — Tenha maneiras, menino! Não seja porquinho.

O menino sabe o que é ser porquinho?

O filho: — Sei, sim, papá. É ser filho dum porco!...».

A anedota está assinada por quem a mandou para o concurso; mas entendemos que esse pormenor não é de grande importância, pois acreditamos que a pessoa não é a autora.

Outra anedota:

«Diz o pai: — Carlitos, és um porquinho. Sabes o que é um porquinho?

— Sim, papá: um porquinho é o filho pequeno dum porco».

Otro Libro de Chistes, 1960 (?).

Outra:

«O pai: — Carlitos: não sejas assim porquinho. Sabes o que é um porquinho, não sabes?

Carlitos: — Sei, sim, paizinho: os porquinhos são os filhos dos porcos maiores».

Almanaque Bertrand, 1941.

Não nos parece arriscado aceitar que se trata da mesma anedota. Entre a última e a penúltima até o nome do menino coincide. A primeira não tem esse pormenor igual, mas não deixa de ter, em relação à segunda, o mesmo «papá»:

Que caminho seguiu esta anedota? Portugal-Espanha-Portugal (1941-1960-1980)? Entre as duas portuguesas não houve interferência da espanhola?

Quanto a datas, se as não tivéssemos, seria impossível saber qual era a *mais velha*. Temos as datas, mas nada nos diz se são as três duma origem comum, isto é, se há uma anedota anterior a todas estas e que lhes deu origem. Também não podemos afirmar que a terceira (de 1941) tenha servido de cópia ou inspiração à segunda (1960) e esta à primeira (datada de 1980).

As semelhanças são flagrantes. Os caminhos não os sabemos.

Tínhamos colocado estas anedotas na sub-rubrica de «Meninos Inocentes», por nos parecer que a mais antiga revelava uma resposta dada com simplicidade, com inocência, por parte da criança. Hesitamos hoje entre mantê-las nesse grupo ou passá-las para o grupo de «Meninos Precoces». Isto porque, admitindo que o caso se tenha passado, acreditamos que a pessoa que o aproveitou para anedota só o terá feito por

achar que o menino, ao sofrer um insulto, o *devolve* ao pai, e com juro («Porquinho é o filho pequeno dum porco» ou «os porquinhos são os filhos dos porcos maiores»). Se tivesse entendido que a resposta era uma simples forma de dizer que sabia responder à pergunta do pai, aí não haveria *devolução do insulto*, não havia ricochete, não havia o cómico que a resposta produz em qualquer ouvinte (excepto, claro, no pai).

Estas considerações afloram também uma das dificuldades da classificação de anedotas. Esta a que nos estamos referindo tanto pode ser de menino inocente como de menino precoce, já sabichão, já maldoso.

Estamos, de facto, em presença duma resposta anfibo-lógica: encarada dum ponto de vista, é simples, é inocente, sem má intenção; encarada de outro ponto de vista, é maldosa, é velhaca, é intencionalmente uma desforra.

Segundo caso:

«Na escola, o professor:

— De onde vem a electricidade?

O Raul:

— Do Jardim Zoológico!

— Do Jardim Zoológico?

— Pois! O meu pai, quando falta a luz em casa, diz sempre: 'aqueles camelos...'.».

Diário Popular, 9/1/1971.

Outra:

«— De onde vem a electricidade? — perguntou o professor.

— Do Jardim Zoológico — disse o aluno.

— Porquê?

— Porque quando falta a luz, o meu pai costuma dizer: 'aqueles camelos!'.».

Diário Popular, Outubro/1978 (?).

Outra:

«Professor:

— De onde vem a electricidade?

Aluno:

— Do Jardim Zoológico.

Professor:

— Porquê?

Aluno:

— Porque quando falta a luz, o meu pai costuma dizer: 'aqueles camelos'».

Gazeta do Sul, 19/12/1981.

Tão igualzinhas são estas três anedotas, que não valerá a pena discutir se são ou não a mesma, lá porque uma diz «Na escola» e as outras não, lá porque uma diz «Raul» e as outras dizem «aluno».

Quanto a idade e a autoria, continuamos como no caso anterior: das três, a primeira é mais idosa, atendendo às datas que temos. Mas criada pelo remetente ao concurso de anedotas ou bebida numa fonte anterior? E as outras? Tomadas daquela, ou duma fonte comum?

O que nos poderá admirar é que o remetente da segunda não soubesse que ao mesmo concurso já tinha sido enviada anedota igual. Todavia, não é difícil admitir essa hipótese.

Quanto à particularidade de o mesmo jornal, no mesmo concurso, publicar duas vezes a mesma anedota, também não custa admitir. Certamente o jornal não dispõe de ficheiro, ou, se dispõe, não tem disponibilidade de consulta para conferir, entre as centenas que recebe, todas as peçazinhas que já publicou há mais de meia-dúzia de anos.

Terceiro caso:

As três anedotas que se seguem foram mandadas para o mesmo concurso semanal, em datas diferentes, como se verifica. Nelas não é tão vincada a hipótese de «cópia» ou «decalque» no encaminhamento para a frase final, para o fulcro, mas este não nos deixa dúbidas de que a anedota é a mesma, pois a frase é a mesma. Quanto ao facto de os concorrentes, a partir do primeiro, ignorarem que a anedota já foi publicada e ao de o jornal as inserir repetidas, são aplicáveis a este as considerações do caso anterior. Vejamos os três textos.

«O pai da moça entrou inesperadamente na sala e exclamou:

— Ah, seu patife! Eu já lhe vou ensinar a beijar a minha filha!

Ele disse humildemente:

— Agradeço bastante, porque eu ainda tenho pouca prática...».

Diário Popular, 21/10/1978.

Dois anos depois, no mesmo concurso:

«— Ah, seu patife, a beijar a minha filha! Espere aí que eu já o ensino!

— Agradeço bastante, porque eu ainda tenho pouca prática!».

Diário Popular, 3/5/1980.

No mesmo concurso, no mesmo jornal, passados outros dois anos:

«E quando o pai, irado, entrou na sala e berrou para o namorado da filha:

— Ah, ele é isso? Eu já lhe ensino a beijar a minha filha — o rapaz respondeu:

— Agradeço imenso, porque eu ainda tenho pouca prática».

Diário Popular, 18/12/1982.

As mesmas dúvidas, as mesmas incertezas, as mesmas interrogações. Três variantes duma fonte comum? A mais antiga é original? Cada um dos concorrentes pensa que a anedota é nova ou só conhecida dele e de quem lha contou? Os dois últimos recriaram a anedota do primeiro, ou desconheciam-na totalmente? O que primeiro a enviou terá sido o autor? Para achar respostas seria necessário ir junto de cada um dos remetentes, tarefa que para nós não é fácil. E se cada um dos remetentes nos encaminhasse para um seu narrador diferente, até onde teríamos de ir?

Demos exemplos tirados da primeira rubrica da nossa classificação. Saltemos agora para outra rubrica, a que intitulamos «Vida Política — Políticos».

«Staline reúne os seus fiéis e comunica-lhes assim a sua vontade:

— Camaradas: agora que a oposição está reduzida a zero, eu sou o chefe único do Partido. Vocês elegeram-me secretário-geral; daqui em diante, vocês devem obedecer às minhas ordens. Se eu ordeno 'atirem-se à água', vocês devem fazê-lo.

Radek levanta-se rapidamente e dirige-se para a porta.

— Onde vais tu, Radek? — pergunta Staline.

— Aprender a nadar!».

Vilaric Melor, *L'Arme du Rire*, Paris, 1979
(tradução portuguesa).

Estávamos nós muito satisfeitos por pensarmos que esta anedota teria emigrado de cá para a Rússia (ou pelo menos para a França, pois o livro é francês), visto que conhecíamos a que se transcreve a seguir e que, portanto, aquela anedota *nova* de Vilaric, passada com Staline, tinha pelo menos cento e cinquenta anos em Portugal e se passara com o rei D. José.

«Numa discussão acerca do poder real, D. José diz ao Marquês de Ponte de Lima:

— Por exemplo — disse o rei —, se ordenasse que vos atirásseis ao mar, deveríeis fazê-lo sem vacilar um só instante.

O Marquês, como resposta, voltou as costas ao monarca e apressou-se a sair imediatamente da sala.

— Aonde ides? — perguntou D. José, ao nortar-lhe o gesto.

— Senhor, vou aprender a nadar.

O rei riu-se com a resposta... e assim acabou a conversa».

Gazeta do Sul, Setembro de 1970.

Supondo que as duas peripécias eram verídicas, achamos que o paralelismo é transparente: um chefe de Estado absoluto diz a um (ou mais) dos seus subordinados que se o mandar atirar à água (ou ao mar) ele deve fazê-lo, e o ouvinte apresta-se a sair da sala. O Senhor pergunta o que vai ele fazer, e o subordinado responde que vai «aprender a nadar».

A nossa satisfação foi cortada pelo Dr. LINO DA SILVA, a quem estávamos dizendo que a anedota poderia ter ido daqui para a Rússia, e que teria já um século e meio. É que LINO DA SILVA, servindo de desmancha-prazeres, informou-nos: «É mais velha do que isso. Conta-se que se passou já com Luís XIV».

Sendo assim, e supondo-a tão «verídica» como as outras, a anedota tem mais uns cinquenta anos do que nós estávamos a atribuir-lhe. E o percurso teria sido, hipoteticamente, França-Portugal-Rússia.

Muitíssimo difícil, como se vê, saber a idade duma anedota, e muito arriscado atribuir-lhe qualquer idade.

Ainda mais um exemplo do percurso e da idade duma anedota. Num livro de leitura escolar (talvez uma selecta), aí por 1930/1931, lemos uma anedota que, resumidamente, era assim:

Um homem vai a casa dum amigo para lhe falar. Bate à porta e uma criada vem abrir.

— Preciso de falar com o Senhor Fulano.

A rapariga vai lá dentro e volta pouco depois, dizendo que o patrão não estava em casa, que tinha saído.

Mas o homem ouviu que foi o amigo que deu o recado à moça. Passado tempo vai o Fulano a casa do amigo. Este vem à porta, encara com ele e diz-lhe:

— Não estou em casa.

— Homem! Que brincadeira é essa? Então eu estou a ver-te e tu dizes-me que não estás em casa?! Preciso falar contigo.

— Já te disse. Não estou em casa. Podes-te ir embora.

— Não percebo. Então eu estou-te a ver e tu não estás em casa?!

— Ouve lá, meu patife: então tu fizeste-me acreditar na tua criada, a dizer-me que tinhas saído, e agora tens o descaramento de não acreditar que não estou em casa, sendo eu próprio a dizer-te?

Para nós, a anedota era *nova*. Não a conhecíamos e nem tornáramos a lê-la nem a ouvi-la, até há pouco tempo.

Muito recentemente, pessoa amiga apresentou-nos um velho livrinho, com um extenso título, da autoria de JOÃO PINHEIRO FREIRE DA CUNHA, *Adivinhações Curiosas, e Instructivas (...)* escrito em oitavas, editado em Lisboa, com a data de MDCCXCVIII. Na página 70 traz este «poema», de que actualizamos a ortografia:

«Fócio a Nelso buscou um certo dia,
E lhe disse a criada ter saído;
Ele bem conheceu que lhe mentia;
Mas não quis arguir-lhe o ter mentido.
Visitá-lo depois Nelso queria:
Chega Nelso à janela enfurecido,
E lhe diz: já saí. Nelso se ofende,
Mas Fócio disse ali mesmo o repreende.

Explicação:

Nelso disse a Fócio:

— Falas-me da janela e não estás em casa?

Porém, Fócio lhe responde:

— Tu és homem insolente; eu dei crédito à tua criada, e tu não mo dás a mim mesmo?».

Trata-se, evidentemente, do mesmo «caso» e a curiosidade de que esta anedota se reveste é a de que não tem dois séculos mas sim dois milénios, para mais, segundo LUÍS AGUIRRE, *Antología de Anécdotas*, 1967: «historicamente» terá sido contada por Cícero, no Senado Romano, dando-lhe por intervinientes Cipião Násica e Ênio. Mas, se o facto se passou e não foi Cícero quem o criou como anedota, e sim alguém ainda durante a vida ou a seguir à morte de Ênio, então ela terá mais de 21 séculos de existência!

Não há dúvida: as anedotas podem permanecer ou desaparecer, serem criadas ou recriadas, parecerem novas e serem velhas ou parecerem velhas (pelo «facto» a que aludem) e serem novas. Ainda que estejam datadas, essa data não nos assegura o nascimento da anedota. Pode haver (há, muitas vezes) outra igual e anterior a essa, e que nós não conhecemos. Por isso, a rigor, a anedota não tem idade — ou, pelo menos, a idade é muito difícil de determinar.

Quanto aos caminhos que seguem, para se propagarem e subsistirem, a dificuldade de os conhecer não é menor que a de lhes passar a certidão de idade.

Os casos apresentados, da incerteza de autoria e de nascimento da anedota, não são únicos. Pelo contrário, no material que temos coligido repetem-se muitíssimas vezes — como tivemos ocasião de demonstrar ⁽¹⁾.

[Seria desejável que estes poucos exemplos pudessem servir para que certos editores (v. g. *Crónica Feminina*, *Seleções do Reader's Digest*, *Editorial Europa-América*) não continuem a considerar que são *propriedade sua* todas as anedotas que inserem nas suas edições (salvo quando tiverem a certeza de que são, de facto, *originais*) e não continuem, por ignorância dos fenómenos da literatura popular, a proibir que se reproduzam textos anedóticos que alguma vez publicaram].

II. A ANEDOTA NO CASAMENTO

Quando os estudiosos se preocuparem com ela, há-de reconhecer-se que a anedota é, das espécies da literatura popular, a que mais facetas de interesse social transporta.

⁽¹⁾ A. MACHADO GURREIRO, *Anedotas. Contribuição para um estudo*, 736 p., Lisboa, Editorial Império, 1986 (2.ª edição 1986).

Ela acompanha a nossa vida desde o pré-nascimento até depois da morte, ela testemunha épocas, costumes, modos de pensar, idiossincrasias, maneiras de agir colectivas, fases da linguagem, regionalismos, idioletos. Ela indica gírias das diversas camadas sociais, desde a dos marginais à dos fidalgos, da de famintos à de potentados; acompanha os meninos na escola e fora desta. Mimoseia políticos, lembra criminosos, contempla pobres diabos e a inversa deles, os espertalhões, e reis e palhaços. Intromete-se com a religião, celebra pensadores e artistas. Bestializa homens, tanto como antropomorfiza irracionais, não respeita fortes nem fracos, pobres nem ricos. E muito mais ainda. O evoluir de diversos outros temas também se pode encontrar nela documentado, tal como este em que hoje metemos foice — o casamento.

Embora não nos pareça que marque as características dum povo (as culturas podem ser regionais mas os móbéis de agir são universais em muitos campos), vinca a anedota alguns comportamentos comuns em certas sociedades. No caso que estamos tratando, por exemplo, ela só pode cobrir o comportamento de sociedades onde o casamento existe, quer se legalize por escrito quer se apoie em simples normas consuetudinárias. No aspecto da vivência dos casais, como se vai ver, a anedota regista enorme gama de acções e de reacções do facto social que é o casamento na nossa sociedade.

Vamos começar por transcrever a síntese que, no seu característico pessimismo, ALBINO FORJAZ SAMPAIO faz do binómio amor/casamento, parafraseando um pensamento de PASCAL: «Afirmam que 'o Amor tem razões que a Razão não conhece'. É verdade. Nos primeiros três meses ninguém lhas conta. Nos segundos é inútil contar-lhas porque há muito já que morreu o Amor» (1). A esta síntese pode juntar-se outra, de autor cujo nome não nos ocorre: «o casamento é como a fortaleza sitiada. Os que estão de fora querem entrar; os que estão de dentro desejam sair». Qualquer dos dois pensamentos não é anedota (embora não deixe de ter o seu quê de anedótico) mas veremos que ela insiste bastante num e noutro.

(1) *Mais Além da Morte e do Amor*, p. 148, Lisboa, 1923, 2.ª edição.

No arquivo da Linha de Acção de Recolha e Estudo de Literatura Popular Portuguesa há uns dois centos e meio de anedotas que classificámos no «Ciclo da Vida Conjugal». Daí escolhemos a amostragem que se segue e que melhor nos pareceu ajustar-se a uma dúzia de situações de cunho anedótico que se verificam na vida dos casais.

À roda do casamento, antes e depois, multiplicam-se também as anedotas. São as dos «Namorados» — ensaio para o passo que há-de conduzir à indivisibilidade do casal —, são as dos «Noivos» (com as graciosas ou as inesperadas peripécias que a noite de núpcias descobre), são as muitas e muitas onde o «Adultério» é focado (e há aí os ou as que sabem da infidelidade do cônjuge sem se incomodarem; há os ou as que ignoram; há os e as que se revoltam; e há os e as que até parece que gostam... Ainda decorrentes do casamento são as rubricas de «Sogras» e de «Viúvos». Qualquer destas cinco rubricas está recheada de anedotas mas, por agora, trataremos só das que estão estritamente dentro do casamento.

Se bem que a anedota seja invariavelmente um produto da fantasia do criador ou do adaptador, ela tem também, em contrabalanço, a dose de «lógica» considerada necessária para se adaptar a um facto que poderia ter ocorrido — sempre que, evidentemente, não toca as raias do inverosímil.

Nos primeiros tempos (os três meses de FORJAZ SAMPAIO?) tudo vai muito bem, tudo é muito bonito e em maré de rosas. A mulher pede com o seu melhor modo, ternamente, quase segura de obter o que pretende, e o marido condescende:

«— Meu querido...
— Quanto precisas?».

Diário Popular, 13/12/1971.

«— Querido, amas-me?
— Sim.
— Muito ou pouco?
— Está bem, está bem. Vai lá ao meu casaco buscar a carteira!».

Diário Popular, (?) 1980.

«— Querido: compras-me um aparelhinho de rádio, pequenino, daqueles que têm um automóvel por fora?».

Lisboa, 1938.

Será desnecessário lembrar que ainda não havia por cá aparelhinhos de televisão...

Segue-se uma situação bastante generalizada: a mulher (esposa) fala muito, fala demais, e o marido quase não tem ocasião de abrir a boca.

«— Papá, porque é que Adão foi criado antes de Eva?

— Para ter oportunidade de dizer alguma coisa sem ser contrariado».

Gazeta do Sul, 5/12/1981

«— Olha, querido, uma das minhas fotografias.

— Bem bonita. E vê-se que foi instantâneo.

— Como é que se percebe?

— Porque estás com a boca fechada».

Lisboa, 1978.

Esta tem diálogo entre marido e mulher. As duas seguintes são entre amigos. Depois é a opinião «insuspeita» duma mulher acerca da outra. Finalmente, a certeza que o marido tem de que a língua da mulher nunca poderia estar em repouso. Vejamos:

«— Vou divorciar-me. Minha mulher há dois meses que não me fala.

— Pois pensa duas vezes e olha que sortes dessas não se têm todos os dias».

Alm. Direc.-Geral Educ. Adultos, 1981.

«— Disse uma palavra à minha mulher e há dois dias que ela não me fala.

— Por favor, diz-me que palavra foi...».

Diário Popular, 7/3/1981.

«— Vê lá tu: o meu marido gravou a minha voz num disco, só para me ouvir quando eu cá não estou.

— Ah! É a única maneira de te fazer calar quando ele quer».

Lisboa, 1974.

«O homem é chamado à esquadra. Diz-lhe o chefe:

— Penso que, enfim, encontrámos a sua esposa.

— Ah! Tanto melhor. E o que é que ela disse?

— Nada.

— Nada? Então não é ela».

100 Blagues, p. 12, 1966.

Se, nos primeiros tempos, houve lindas conversas, que chegavam a tocar o enlevo poético, o tempo foi passando e as atitudes não tardam em mudar.

«Num banco de jardim, dois noivos, mãos dadas, olham o astro.

— Querido: porque é que a Lua ora se esconde, ora aparece?

— Oh, minha joiazinha: não vês que ela se oculta, de quando em quando, para nos deixar à vontade, para nos podermos beijar (assim...), mas torna a aparecer porque tem inveja da nossa felicidade, e quer ver, quer espreitar.

Anos depois, o mesmo casal, no mesmo banco, olha o astro:

— Porque é que a Lua ora aparece ora desaparece?

— Não vê que são as nuvens que passam? Sua besta».

Lisboa, 1939.

O dinheiro é quase obrigatoriamente um motivo de divergências entre o casal. Ou porque ela não sabe ao certo quanto ele ganha, ou porque ele não lhe dá o suficiente, ou porque ela habitualmente lhe vai às algibeiras. Será curioso notar que a anedota ainda não foca o plano actual em que a mulher se vai situando, isto é, a mulher empregada, que recebe o seu salário e é cada vez menos dependente do marido. Esta situação, que vem ganhando corpo de há quatro ou cinco décadas para cá, pode dizer-se que ainda não entrou no anedotário. Por ser relativamente nova? Relativamente pouco generalizada? Porque são os homens que criam as anedotas (ou que mais criam anedotas)? Não sabemos. Mas não irá tardar muito, pela certa, a entrada em circulação de anedotas que trocem da situação do marido subordinado monetariamente à mulher. Por enquanto, é a mulher à procura do dinheiro dele...

«Ela:

— Mas que linguagem é essa que usas comigo? Quando éramos noivos nunca me falaste dessa maneira!

Ele:

— Quando éramos noivos não me pedias dinheiro».

Diário Popular, 16/1/1971.

- «— Senhor director: Preciso de um aumento de ordenado.
— Por que razão?
— É que a minha mulher já sabe quanto eu ganho de verdade!».

Diário Popular, 18/7/1970.

«— Se não fosse a minha mulher, ontem tinha sido vítima dum roubo.

- O que foi? Ela viu o ladrão?
— Não. Ela não estava lá.
— Então, como foi isso?
— É que, antes, já ela me tinha despejado as aljibeiras».

Almanaque Diário de Notícias, 1955.

Pouco a pouco chegam as recusas, que podem ser aborrecidas, misturadas com certa pena ou com evasivas e mistificações.

«Ela: — Como tu és! Ainda agora me chamavas 'meu anjo'; agora negas-te sempre a comprar-me um chapéu!

Ele: — Pois por isso mesmo. Os anjos não usam chapéu».

Lisboa, 1970

«Ela: — O que é que gostarias que eu te desse no dia dos teus anos?

Ele: — Filha, não penses nisso! Este mês estou pouco abonado!».

Diário Popular, 6/12/1971.

«— Todos os anos a minha mulher diz o que quer que eu lhe dê no dia dos anos.

— E então?

— Coitada. Pede sempre um casaco de peles».

Almanaque Diário de Notícias, 1955.

«Ele: — Quem é um rico maridinho que traz um casaco de vison à sua queridinha no dia dos anos? Quem?

Ela: — Mas tu tinhas prometido um automóvel à tua bichaninha...

Ele: — Pcis tinha, meu amor. Mas que queres? Não encontrel ninguém que me vendesse um automóvel de imitação...».

Almanaque Diário de Notícias, 1955.

A ternura e a meiguice foram passando. Não tarda a instalar-se a discussão permanente, com ou sem razão, com ou sem motivos, mas sempre aflorando o espírito de contra-

dição, ora de um ora de outro, quando não de ambos, e que vai comandar a vivência do casal pelos tempos dos tempos.

«— Papá, como é que começa a guerra?

— Olha... supõe que a Espanha, por exemplo, apreendia um barco dos nossos.

— Ó homem! Não ensines uma coisa dessas à criança. A Espanha nunca nos faria isso. Demais a mais, estamos em ótimas relações.

— Mas isto é só uma suposição...

— Mas é uma suposição parva. Não tem jeito nenhum.

— Ó mulher, cala-te. Isto é só um exemplo...

— Cala-te tu, que tu é que estás dizendo as asneiras.

— Fazes-me perder a paciência, diabo!

— O quê? Estás a ameaçar? Julgas que me metes medo?

— Ó mulher... eu...

— Pronto, papá! Pronto! Já sei como é que começa a guerra.

Colos, c. de Odemira, 1936.

«O marido: — Graças a Deus não sou homem de duas caras.

Mulher: — Tens razão em dar graças a Deus. Quando se tem uma cara como a tua, bem basta uma...».

Diário Popular, 5/4/1978.

Antes que a anedota nos conduza ao campo dos insultos e das recriminações, intercalemos estas três que testemunham a «perspicácia» a que chegam os cônjuges... depois de se conhecerem longamente.

«— Já viste alguma dessas máquinas que descobrem quando a gente está a mentir?

— Se já vi? Olha, olha... Eu até casei com uma!».

Diário Popular, Outubro de 1977.

«Um homem de negócios telefona à esposa:

— Querida: posso levar dois amigos a jantar connosco?

— Com certeza, meu bem. Será um prazer.

— Desculpe — diz ele depois de alguns momentos de pausa —.

Deve ter havido engano na ligação».

Gazeta do Sul, 1970.

«O pai abriu a carteira e depois olhou para a mulher e para o filho:

— Esse menino tirou dinheiro daqui! — berrou ele.

— Como sabes que foi ele? — protestou a mulher —. Podia ter sido eu.

O pai abanou a cabeça e disse:

— Tu não foste. Ainda ficou algum na carteira».

Diário Popular, 15/12/1979.

A primeira deixa-nos na dúvida se é o homem que não tem habilidade para mentir (e parece ser reincidente) ou se é a mulher que tem realmente muita habilidade para lhe descobrir as mentiras, aquela perspicácia feminina em que muitas vezes se ouve falar. Na segunda entende-se, nas entrelinhas, que a mulher normalmente recebia mal os amigos que o marido levava a casa. A «perspicácia» é dele, ao concluir que não era a mulher que falava do outro lado do fio. Se fosse, teria de haver trocas de explicações e rabugices. No terceiro caso a «perspicácia» é quase primária: a mulher, quando lhe vai à carteira, faz trabalho aseado — *limpa-a* por completo.

Como era inevitável, também o ciúme tem a sua quota-parte nas anedotas dos casais, embora, no nosso arquivo, não tenha uma grande representação. Escolhemos estas duas:

«O astronauta regressa duma viagem de cinquenta dias à volta da Terra. A saída da cápsula, a esposa vai para abraçá-lo mas pára, recua, e pergunta cheia de indignação:

— Olha lá: o que é que quer dizer esse cabelo verde que tens no colarinho?».

Lisboa, 1977.

«Duas amigas encontram-se:

— Estás com um aspecto muito abatido.

— Pois estou; o meu marido adoeceu e tenho de vigiá-lo noite e dia.

— Mas por que razão não contratas uma enfermeira?

— Claro que já contratei, e por isso é que tenho de vigiá-lo tanto».

Diário Popular, 30/5/1981.

É a altura de observarmos na anedota os insultos, ora implícitos ora explícitos, ora suaves ora carregados de veneno com que os casais passam a metralhar-se. Nesta escolha, que não foi propositada para efeito de contagem mas apenas ocasional, temos que as mulheres ganham... por 4 a 1.

«Ele: — Provavelmente houve algum *pedaço de asno* que te fez a corte antes do nosso casamento?

Ela: — Ainda o perguntas!... Com toda a certeza que houve.

Ele: — Nesse caso, o que devias ter feito era casar com ele.

Ela: — Pois foi exactamente o que eu fiz».

Diário Popular, 26/4/1979.

«— Mas porquê tanto empenho em que eu vá a bailes, minha mãe?

— Porque nos bailes há sempre *imbecis* à procura de noiva. Olha... foi num baile que eu conheci o teu pai».

Gazeta do Sul, 5/12/1981.

«Marido: — Gostava de te trazer um *macaquinho*, mas o capitão do barco não deixou.

«Esposa: — Ó querido, se te tenho a ti, que mais é preciso?!».

Agenda das Missões Franciscanas, 1984.

«O pai: — Se estudares bastante, meu filho, poderás vir a ser um homem como eu!

A mãe: — Credo, homem! Não assustes o pequeno!».

Diário Popular, 26/6/1980.

«Entre marido e mulher:

Ela: — Vá, diz lá! O que eras tu se não fosse o meu dinheiro?

Ele: — Solteiro».

Lisboa, 19/7/1980.

A fraca propensão, cada vez mais fraca, que as raparigas (e as mulheres) vão tendo para se dedicarem à cozinha, reflecte-se em várias anedotas, de que se inserem três. Não haverá que estranhar aquele facto, pois também, cada vez mais, a mulher trabalha fora de casa, antes e depois do casamento. Mas os anedotistas vêm ainda por um prisma que se está a estilhaçar, em especial nos grandes aglomerados urbanos, e as anedotas «parece» quererem focar o tempo de gerações já idas, em que era vergonha a mulher não saber cozinhar.

«— Querida, quando nos casarmos não terás outro remédio senão fazer a comida!

— E tu de comê-la, meu amor!».

Diário Popular, 12/6/1971.

«Uma recém-casada conta a uma amiga:

— Foi um sucesso a primeira refeição que preparei para o meu marido, depois da viagem de núpcias.

— Porquê?

— No dia seguinte o meu marido contratou uma cozinheira».

Boa Noite, Junho de 1979.

«— Que te disse o médico, querido?

— Que tome uma colherzinha de bicarbonato após cada refeição e que tu vás tomando umas lições de cozinha».

Diário Popular, 6/12/1980.

Continuamos vendo o homem ser o «mártir» do casal. Estava mal de alimentação, agora vai estar mal de vestuário...

«Dois amigos, ambos casados, desabafam mutuamente as agruras do dever caseiro.

— Tu não imaginas, meu caro Pantaleão, como a minha mulher é desmazelada! Basta dizer-te que é raro o casaco e raríssimas as calças onde não falem dois, três e quatro botões!

— Lá nesse ponto não tenho eu razão de queixa. A minha mulher é muito levantada da cabeça, mas nunca me faltou no fato um único botão. O que algumas vezes acontece é sobejarem casas...».

Mil Anedotas para Rir, 1930 (?).

«— Que belo jardim!

— E que belas roseiras! Olha que já têm botões!

— E verdade, querida. São mais felizes do que as minhas calças!».

Diário Popular, 13/2/1971.

Oiçamos agora as lamentações da mulher, mais ou menos veladamente, dum outro grande óbice da vida dos casais — a escassez de relações sexuais. É muito menor o número de anedotas, neste campo, em que seja o homem a queixar-se. Repare-se que não entram em franca discussão. Ocorrem em alusões, em conversas mais «amigáveis» que contundentes, exceptuando a primeira.

«No cartório dum advogado discute um casal que se propõe divorciar. Atacam-se verbalmente e, querendo ferir a futura ex-cônjuge, diz o homem:

— Tu, ao morreres, terás na tua sepultura uma placa posta por mim, com a seguinte inscrição: FINALMENTE FRIA.

— E tu, quando tu morreres, colocarei uma na tua, com as seguintes palavras: FINALMENTE TESO».

Privé (ed. portuguesa), 1977.

«O homem está a arranjar a mala, e a mulher pergunta-lhe, admirada:

— Estás a fazer as malas! Vais viajar?

— Vou. Vou para a Suécia.

— Para a Suécia? Pareces parvo. O que é que lá vais fazer?

— Eu sei bem o que lá vou fazer. Há lá uma crise de homens... que até parece impossível. Qualquer mulher dá um conto de réis, com a maior facilidade, a um homem que vá fazer amor com ela!

— Ah! Está bem. Olha: e eu também vou.

— Tu? Essa agora! Mas para quês?

— Para ver como é que tu te governas lá, com três contos de réis por mês».

F. Licínio da Silva, Lisboa, 8/5/1980.

«O marido larga o jornal que estava a ler e diz à mulher:

— Li aqui, que no Brasil a mulher dá ao homem 100 francos cada vez que ele faz amor com ela. É formidável. Vou tomar o primeiro avião para o Rio.

— E eu vou contigo — diz a esposa.

— Mas eu não preciso de ti — protesta ele.

— Bem sei. Mas quero ver como é que tu te governas com 200 francos por mês!» (1).

Lui (ed. francesa), Set., 1983.

«Assistindo a um balé, o marido, de repente, começa a gargalhar. A mulher pergunta o que está acontecendo.

— Estou pensando em que reacção teria o público se, de repente, saltasse lá no palco e violentasse uma das bailarinas.

Dali a pouco a mulher começa a rir e ele pergunta porquê.

— Pensei no que você faria se o público gostasse e pedisse bis!».

Playboy (ed. brasileira), Maio de 1982.

(1) Se a anedota não emigrou de cá para França, terá de se admitir que esta e a anterior tiveram uma fonte comum.

«Marido e mulher:

— Querida, de manhã, depois de fazer a barba, sinto-me dez anos mais novo...

— Querido, porque não fazes a barba à noite?...».

Diário Popular, 5/1/1980.

«Muito entretida a brincar com o cãozinho, a garota grita à mãe:

— Mãezinha, olha pra isto: cada vez que dou um bocadinho deste bolo ao Bobby, ele sacode logo o rabo!

— Ah — diz a mãe, distraída —, guarda um bocadinho para dares ao teu pai».

Lisboa, 1985.

A vida do casal vai aborrecendo, a convivência diária vai saturando e chega o ponto em que qualquer dos cônjuges, somando, e exagerando até, as situações desagradáveis em cadeia, está capaz de ver, sem o menor incómodo, o afastamento do outro. Vamos ouvi-las:

«— Meu marido fugiu com a criada.

— Não me digas! Estás muito desgostosa?

— Se te parece! Com a dificuldade que há em arranjar criadas com jeito».

Diário Popular, 19/7/1980.

«Entre cônjuges:

— Se eu morresse, que farias?

— Que havia de fazer? Um vestido preto».

Gazeta do Sul, 19/12/1981.

E agora, ouçamos o que dizem eles:

«— Escuta, Serafim: o jornal diz que no Egipto um homem trocou a sua mulher por um camelo. Serias capaz de fazer o mesmo?

— Preferia um automóvel. Que ia fazer com um camelo na cidade?».

Diário Popular, 27/6/1981.

«Em Cambridge, na Escócia, Ewan W. Mackenzie apresentou queixa contra a mulher. Como ele a informasse que não poderiam ir de férias, nesse Verão, por razões económicas, a senhora Mackenzie ficou fora de si e abandonou o domicílio conjugal, levando todos os seus pertences num carrinho de mão.

Mackenzie pede, insistentemente, à Polícia que envie todos os esforços para descobrir o carrinho de mão, que lhe faz muita falta».

Diário Popular, 5/11/1983.

«— Fugiu, a tua mulher?

— Sim.

— Bem se vê, na tua cara, que estás muito triste.

— Sim. Ela voltou».

Otro Libro de Chistes, 1960 (?).

«O médico: — Seja homem, meu amigo!... Sua esposa não tem muitos dias de vida.

O cliente: — Olhe, senhor doutor, depois de tantos anos... é fácil suportar alguns dias mais».

Gazeta do Sul, 22/6/1985.

O homem mandar em casa, ser o chefe-de-família, ter a última palavra... nem sempre acontece nos casais, mas a crença geral é a de que acontece sempre. Por isso não pode constituir anedota um facto tão trivial, tão generalizado, que até parece não ter excepções. Mas essas excepções existem e então a anedota entra no jogo, para ridicularizar o homem que anda às ordens da mulher e lembra a situação da «casa do Gonçalo, onde manda mais a galinha que o galo».

«O marido, ao sair de casa, diz para a mulher:

— Olha, minha querida; não esperes por mim para o jantar, hoje, que eu posso ter que me demorar mais, no escritório.

— Não espero, descansa... vou lá buscar-te — respondeu ela».

Diário Popular, 23/1/1978.

«O chefe do pessoal pergunta a um funcionário como se sentiria se tivesse de ficar, no serviço, às ordens duma mulher.

— Sentia-me exactamente como na minha casa — respondeu o funcionário».

Lui, Novembro, 1978.

Depois de ser a mulher a mandar em casa, não como generalidade mas como excepção, como anomalia, e por isso a anedota contemplar o facto, há a quase novidade de o homem ajudar a mulher no arranjo da casa. Quase novidade entre nós, é já fenómeno um tanto velho nas Américas, nas Françaçs,

nas Inglaterras, que por cá só modernamente vai entrando em muitas casas. E o portuguesinho, que ainda não perdeu a ideia de mulher anjo e escrava do lar, e homem dono e senhor da casa, vai satirizando, com anedotas, um estado de coisas que pouco a pouco se volve em aceitação geral. Repare-se que uma das anedotas declara explicitamente «Na América».

«— Dou os meus parabéns à tua mulher por ter sempre a casa tão arranjadinha.

— Estás enganado. Eu é que faço todas estas arrumações.

— Pois é isso que eu mais admiro nela!...».

Lisboa, 1978.

«Entre amigos:

— Tenho uma mulher bestial. Todas as noites, ao chegar a casa, ela calça-me os chinelos, arranja-me um cigarro, prepara-me o roupão e arranja-me muita água quente...

— Muita água quente para quê?

— Ora, para eu lavar a loiça! Ela sabe que eu não gosto de lavá-la com água fria».

Diário Popular, 20/10/1979.

«Na América:

— Paizinho, o que é um bigamo?

— É um senhor que lava duas vezes mais pratos que eu».

Gazeta do Sul, Abril de 1974.

«— O meu maridinho já viu o que a sua queridinha mulher lhe trouxe?

— Não; o que foi?

— Um lindo avental!...».

Diário Popular, 29/5/1982.

«Ela: — E lembra-te que agora a lei dá os mesmos direitos à mulher e ao marido!

Ele: — Ainda bem que falaste nisso; a partir desta data passas tu a lavar a loiça!...».

Diário Popular, 29/4/1978.

Outra situação que a anedota não poupa, e a voz popular também não, é a do marido que tem medo da mulher.

«— O papá tem medo da trovoada?

— Eu não, minha filha.

— E não tem medo dos lobos?

- Não, minha filha.
 — E não tem medo dos rinocerontes?
 — Não, minha filha.
 — Afinal, o papá só tem medo é da mamã!!!».

Diário Popular, 1979.

- «— Eh pá! Que tarde! Como é que eu vou agora entrar em casa!
 — Homem! Faz-te forte. Entra e encara a tua mulher como deve ser. Que raio! Tu és um homem ou és um rato?
 — Olha: infelizmente sou um homem. Dos ratos tem ela medo que se pela».

Lisboa, Janeiro de 1979.

São em grande número as anedotas que nos contam o arrependimento dos cônjuges pelo passo que deram. Não nos explicam as razões, ou quem tem razão, mas dizem-nos alguns auto-insultos com que a si mesmo se classifica aquele que está de posse da palavra, para demonstrar o seu forte descontentamento, o seu arrependimento. Observemos alguns.

- «— José: como se chama um homem casado a quem morre a mulher?
 — Um viúvo.
 — Cinco letras... é isso. E um homem a quem morreu a mulher e torna a casar?
 — Uma besta».

Lisboa, 1955.

- «— Mamã: gostavas de namorar quando eras nova?
 — Sim, minha filha.
 — E nunca foste castigada?
 — Fui, sim. Casei com o teu pai».

Diário Popular, 20/10/1979.

- «— Paizinho, com que idade casam os burros?
 — Conforme, meu filho; eu, por exemplo, casei-me com a idade de vinte e cinco anos».

Diário Popular, 20/2/1982.

- «Ela, para o marido: — Anda; diz ao nosso filho que não pense em casar com aquela estúpida.
 Ele: — Quero lá saber. Que se arranje. Eu também não tive quem me avisasse.

Diário Popular, 1974.

«— Minha senhora: conhece este homem?

— Não senhor.

— Como não? Então a senhora não é sua mulher?

— Sou, sim. Mas se o conhecesse não me teria casado com ele...».

Gargalhada, L. Marques, 12/11/1961.

«Ela desequilibra-se e vai a cair num abismo:

— Socorro, Pepe! Dá-me a mão!

— Impossível. Há parvoíces que só se fazem uma vez».

Otro Libro de Chistes, p. 178, 1960 (?).

«— Olha, João: se eu morresse não voltavas a encontrar outra mulher com o meu feitio.

— E quem é que te disse que eu queria outra mulher com o teu feitio? Uma já chegou...».

Diário Popular, 21/7/1979.

«Um tipo diz a outro que já não via há muito tempo:

— A propósito, meu caro. Creio que ainda não conheces a minha mulher.

— Realmente, não tenho esse prazer.

— Prazer?! Ah, ah, ah! Agora já tenho a certeza de que ainda não a conheces».

100 Blagues, p. 17, 1966.

«A esposa:

— Se eu tivesse um marido bêbado, fugia para casa dos meus pais.

O marido:

— Não me tentes. Não me tentes. Bem sabes que o álcool me faz mal ao estômago».

Gazeta do Sul, 2/12/1978.

«Uma senhora muito feia está gravemente doente e o marido chama o médico.

— A sua esposa não me agrada nada — diz o médico.

— Nem a mim, tão-pouco — responde o marido».

Chascarrillos Médico-Quirúrgicos, p. 28, 1913.

Se depois dos arrufos, das discussões, dos insultos, aparece a saturação, também a anedota não falta com a sua presença para nos mostrar esse estado quase final dos casamentos menos felizes: marido e mulher desejam-se mutuamente o afastamento, o desaparecimento, o fim, a morte. Ouçamo-los:

«O marido, para a mulher:
 — Já não posso aturar-te mais. Vai para o Diabo!!!
 — Como és ingrato! E eu que passo a vida a pedir a Deus que te leve para o Céu».

Diário Popular, 12/12/1971.

«— Tens mesmo a certeza de que a tua mulher desapareceu?
 — Certíssimo. Só não sei a quem hei-de agradecer».

Diário Popular, Abril, 1979.

«Um médico, à cabeceira dum moribundo, procura incutir-lhe um pouco de resignação:

— Tenha coragem, meu amigo; a morte não é tão grande horror como se imagina. Lembre-se que vai juntar-se à sua esposa. O moribundo, com voz débil:
 — Pois é isso, exactamente, o que mais me assusta!».

500 Anedotas para Rir, p. 164, 1934.

«Dois amigos encontram-se após muitos anos sem se verem.
 — E como vai essa encantadora rapariga com quem tu casaste? — pergunta um deles.

— É um anjo...

— Que sorte! A minha ainda é viva».

Diário Popular, 2/8/1980.

«No centro de uma vitrina dum grande estabelecimento de electrodomésticos está um cartaz que diz: 'Senhores maridos, pensem nas vosas mulheres!'.

Entra um sujeito, aproxima-se do patrão e pergunta-lhe:

— Desculpe... Aqui para nós... tem uma cadeira eléctrica?».

Diário Popular, 8/1/1983.

Foram-se avolumando as situações de desentendimento. As conversas passam-se em diálogos de monossílabos. Já não há insulto que se não tenha usado, acusação que se não tenha feito. A pancada substitui a palavra. E tem de ser o mais forte que se impõe, embora esse nem sempre seja o do sexo forte. Pelo menos, a anedota assim o deixa ver. Do odiar cordialmente passou-se ao esgrimir com o que estiver mais à mão. A anedota acha que é normalíssimo o homem bater na mulher; que é até lógico. Recorde-se esta:

«— Tu bates na tua mulher?

— Ora essa!!! Então quem é que lhe havia de bater?».

Diário Popular, 14/1/1978.

Daí que não sejam em maior número as que apontam este resultado. Pelo contrário, o que é ridículo, o que «parece anedota» é o homem ser sovado pela mulher. Por isso a anedota o ridiculariza e é aí que insiste.

«— Porque é que a senhora partiu o guarda-chuva na cabeça do seu marido?

— Foi um desastre.

— Desastre, porquê?

— Porque eu não tencionava parti-lo».

Almanaque de Santa Zita, 1969.

«— Sucedem essas coisas em tua casa porque és um fraco. Mostra os dentes à tua mulher!

— Assim fiz, pouco depois de casado, mas... fiquei sem eles».

Diário Popular, 3/6/1978.

«Ele estava deitado no chão, todo amarrotado e cheio de nódoas negras. O bondoso transeunte perguntou-lhe:

— Quer que chame a sua mulher?

— Não; obrigado. Foi ela que me pôs neste estado».

Diário Popular, 22/9/1979.

«Dois amigos voltam a encontrar-se.

— Conta-me cá como é que acabou aquilo, naquela noite, depois da minha partida. Quando vi que a tua mulher começava a gritar atrás de ti, safei-me, não é? Tu compreendes... Houve sarilho?

— Com a minha mulher? Não! A minha mulher ficou parada diante de mim.

— Não é possível! O que é que ela te dizia?

— Oh! Ela dizia: Sai imediatamente debaixo da cama. Sai».

100 Blagues, p. 46, 1966.

«— O quê? Ele está no hospital? Mas ainda ontem o vi com uma tipa muito boa!

— A mulher dele também o viu...».

Diário Popular, 14/2/1981.

«Na esquadra de Polícia do Beato entra um indivíduo muito aflito e pede para falar ao chefe. Quando este aparece, aquele diz-lhe muito assustado:

— Senhor chefe: esta madrugada entrou um ladrão em minha casa, eram três horas da manhã...

— E levou alguma colsa?

— Se levou!... O homem está no hospital. A minha mulher julgou que era eu que vinha do clube!».

500 Anedotas para Rir, p. 178, 1934.

«— Eh!... Como tu estás! Cabeça partida, cara a deitar sangue... Vou-te levar a casa.

— Não. Para casa não. Daí venho eu...».

Diário Popular, 9/10/1982.

E, claro, na anedota, o homem também bate na mulher, de vez em quando, embora, como na primeira que se segue, tenha medo das consequências.

«— É melhor prender-me. Bati na cabeça da minha mulher com um pau.

— Matou-a?

— Julgou que não. É por isso que quero que me prenda».

Diário Popular, 4/4/1981.

«— Porque partiu o jarro na cabeça da sua esposa?

— Por acidente, senhor comissário. A minha intenção não era parti-lo» (1).

Otro Libro de Chistes, p. 87, 1960 (?).

«Duas donas de casa conversam, e uma exclama:

— Mas então, de que pretextos se serve o seu marido para lhe bater assim?

— Não se serve de pretextos nenhuns, o malvado; serve-se de uma bengala».

Diário Popular, 12/11/1983.

«— E porque é que te vais separar do teu marido?

— Não o posso suportar. A princípio, quando me chegava a ele, sentia-lhe o coração bater!...

— Sim? E agora?

— Agora... a única coisa que lhe sinto bater é a mão».

Diário Popular, 12/5/1979.

(1) Esta anedota estará na origem da que o *Almanaque de Santa Zita* inseria cerca de 10 anos mais tarde?

A partir destas situações, admita-se que, na verdade, o caminho melhor será a separação, o divórcio. Outro terá havido antes, em muitos casos, e que a anedota profusamente «documenta», mas que já aqui não cabe — o adultério. Na inversa desta profusão está o silêncio ou quase silêncio do anedotário a respeito do ciúme e do divórcio. E não se percebe porquê, particularmente acerca do divórcio, uma vez que a anedota se imiscui em todos campos de debilidades sociais e não respeita qualquer estrato ou situação que queira atingir. Será por que a anedota considera o ciúme coisa insignificante e o divórcio o desfecho lógico do casamento? Por falta de imaginação ou de casos reais não é, tanto mais que, se há uns cinquenta anos o divórcio era um «escândalo» (a que evitavam submeter-se as camadas humildes da população), nos nossos dias já deixou de o ser por completo. E, pelo caminho que as coisas levam, dentro de algum tempo «escândalo» será que não haja divórcio ao fim de x anos de casamento — um x que a moda venha a ditar...

Às muitas dúvidas que a anedota suscita — idade, autoria, nacionalidade, difusão — vem juntar-se mais esta: Porquê a anedota ainda não satiriza o divórcio e os divorciados?

CATORZE TROVAS E UM CONTO
RECOLHIDOS NA ILHA DAS FLORES

PEDRO DA SILVEIRA

Contratempos vários, que não interessa expor, têm-me demorado a publicação, agora retomada, dos à roda de quarenta diferentes romances das ilhas das Flores e do Corvo que recolhi directamente entre o Verão de 1941 e Março de 1951, desde então só acrescidos (com a excepção de dois, ouvidos já em 1963) por amigos correspondentes a quem fui pedindo me procurassem tal ou tal espécie que não conseguira ou só obtivera em versões bastante incompletas. Em Julho de 1982, retornando pela segunda vez em trinta e um anos aos Açores, é que já só pude ouvir contos do ciclo, outrora tão rico nas Flores, do Pedro das Malasartes — que todavia fui encontrar crismado de... Bocage. Romances, nada.

Claro está que não creio que a tradição romancística das Flores e do Corvo, de onde em 1981 ainda recebi três espécies modernas o seu tanto estropiadas, esteja completamente exaurida. Acho, porém, que pouco faltará para isso e pendo até a crer que os seus últimos melhores portadores agora se encontram entre os mais velhos naturais das duas ilhas nas últimas décadas idos para os Estados Unidos e Canadá. De resto, em Setembro de 1963 já eram falecidos quase todos os excepcionalmente bons que tivera a sorte de ouvir até 1951: minha tia-avó Maria da Natividade Rodrigues, pela qual começara; a prodigiosa Senhora Fernandes, a quem devi para cima de dezena e meia de preciosidades; José Inácio Mateus, um verdadeiro fenómeno de memória, que até decorara, além

de bastantes trovas, quase todo o natalício *Colóquio em Honra do Menino Deus*, cuja edição californiana de cerca de 1885 ronda as 50 páginas; e José Portugal, talvez quem na Ponta da Fajã Grande melhor sabia o reportório, incluindo romances como «Barca Nova», «Silvana» («Delgadinha») e «Juliano Mano», dos foliões do Espírito Santo (felizmente ainda agora não destronados nas Fajãs, ao invés do sucedido em quase todas as outras povoações das Flores e no Corvo, pela praga filarmónica). Vivo estava sim, mas não pude encontrá-lo, Manuel Mariano, da Fajãzinha, o qual, em 1969, nas vésperas de morrer, ainda disse ou cantou alguma coisa do muitíssimo que sabia a JOANNE PURCELL. Mas este era de vezes, ora aberto, ora desconfiado, não obstante o que lhe devi, além de outras, uma rara jóia: «Dom Brásinho», isto é, o mesmo «Dom Brazindo» havido de Vinhais de Trás-os-Montes por LEITE DE VASCONCELLOS.

Não explorei a mina destes e outros transmissores de romances tanto quanto seria desejável, ou como melhor poderia se aparelhado de melhores conhecimentos e de um método de pesquisa (1). Naqueles anos de 1941-1951 só tinha à mão, que me pudesse guiar, os *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano* de TEÓFILO BRAGA e o folheto da «Biblioteca do Povo e das Escolas» de LEITE DE VASCONCELLOS, limitando-se de resto o meu parquíssimo saber de folclorista amador principiante aos bons conselhos de LUÍS DA SILVA RIBEIRO, com quem conversara algumas vezes em Angra. Mas RIBEIRO, embora sendo o notável etnólogo que todos reconhecemos, não era um prático na recolha directa de literatura tradicional, que nunca fez. Assim, o melhor que me ficou de quanto ele me dizia quase se reduz à regra, que segui à risca, de nada alterar no que me fosse transmitido, mesmo quando me parecesse errado.

Já escrevi, mas convirá repetir, que nas Flores chamam aos romances *trovas*, designação esta que abrange quanto, em verso, para lá da cantiga solta ou das letras dos bailes

(1) Não será preciso dizer que quando fiz recolha de romances não havia ainda o gravador. A transmissão conhecedor-registador fazia-se numa recitação-ditado. As vezes, como o transmissor na ocasião estivesse menos lembrado, havia segunda sessão. A sua confiança em quem ouvia e escrevia tinha um papel muito decisivo.

e folias, alcance um nexu narrativo. Espécie de subgénero será o *caso*, geralmente uma longa composição em quadras narrando sobretudo acontecimentos infaustos, dessas caídas na oralidade, mas também bastante difundidas por cópias, e que o século passado muito divulgou em folhetaria; e outra espécie é a *parouvela*, seja o anfiguri e não só, porque até pode ser uma composição narrativa puxando ao sério, se bem que contendo uma certa conceituosa malícia crítica. Às *orações em verso*, como o nas Flores tão vulgar (ainda agora?) romance-oração de Santa Bárbara, é que nunca chama trovas; e pelo que toca ao *testamento*, o mesmo se passa. Este, já agora o noto, foi molde satírico muito do gosto da gente florense, até localmente cultivado («Testamento da Vaca Trigueira», «Testamento do Bandeira», etc.); mas nos anos quarentas já não se apanhava nenhum inteiro na oralidade, nem consegui obtê-los copiados. Quanto a *aravia*, talvez ainda sinónimo de romance em São Jorge (alguma vez o terá sido?), é nas Flores outra coisa: algo que se conta embrulhadamente.

Do contido nesta amostra, segunda que publico de romances recolhidos nas Flores, só o seguinte. Como já em 1961, nos «Materiais para um Romanceiro da Ilha das Flores» saídos no *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, adoptei, mesmo para os romances menos clássicos, a disposição métrica das 15(16) sílabas, só que agora sem sinalar medialmente a divisão em redondilhos. Mas também como então exceptuei: num caso («Casamento do Marujo»), devido a que o esquema rímico logo o impunha; nos outros dois casos («Galinha Pintada» e «Adeus dos Voluntários»), porque entendi que proceder de outro modo era forçar a nota. Quanto a grafar as palavras em harmonia com a pronúncia local, deixei-me ficar num limite prudente: *nã* por não; *mũ* e *mũito* em vez de *mun* e *munto*; *ũa* e *nenhũa* por uma e nenhuma; e pouco mais.

No conto, arrancado à minha memória de muitas vezes o ouvir contar e também aos apontamentos de um caderno de 1942, limitei-me a tentar transmitir um jeito de contar com que me familiarizei desde menino. Fica-me a consciência de que um registo pelo gravador pouco diferiria.

Pensei fazer seguir cada romance da bibliografia sobre ele de meu conhecimento, notando outrossim o número das versões publicadas e a respectiva geografia. Acabei todavia

por não o fazer, cingindo-me a pouco mais do que dar conta do provindo só mesmo da ilha das Flores. Se ainda for capaz de ordenar para livro, como pretendo, toda a minha recolha de romances, então farei o que não fiz agora.

Cedo me pareceu que nas Flores (não acrescento e no Corvo porque a minha experiência daí não bastou para assentar ideias) os romances de maior vulgaridade, além do inevitável «Lavrador da Arada» (dito lá «do Arado») serão: «Infantina» («Trova da Donzela Encantada»), «Nau Catrineta», «Dom Varão», «Bela Infanta», «Dom Pedro Pequenino», «Morena Mal-casada» e «Bernal Francês» (em parte da ilha dito Françoilo»). Outros, mais comuns noutras paragens açorianas, como «Conde d'Alemanha» e «Rico Franco», ali não mo pareceram tanto. De «Lizarda» só obtive a versão incompleta ora publicada, assim como também não fui além das duas, quase indiferentes, da «Morte do Príncipe Dom Afonso» (que lá diziam «Trova da Má Nova»). Do ciclo cidiano apenas consegui, pela Senhora Fernandes, uma muito boa versão do «Moiro Atraído». Mas, como já mostrei nos «Materiais» de 1961, também há (ou havia) espécies, algumas bem raras, que a tradição açoriana antes não desvendara. E apresento aqui uma que, não sendo antiga, até agora não foi, segundo suponho, nem registada no Norte de Portugal: «Donzela Enganada».

1.

MORTE DO PRINCIPE DOM AFONSO

- Casadinha de oito dias, à janela esparecia,
 2 Viu vir um cavaleiro, que triste aspecto trazia.
 «Que nova nos traz aqui, que nova para me dar?»
 4 «Trago ùa nova bem triste, mavlosa de contar:
 Que o vosso marido, senhora, é morto, está-se a acabar.
 6 Calu dum cavalo abaixo, no melo dum areal,
 Arrebtou-lhe o corpo, sem esp'rança d'escapar».
 8 Princesa que tal ouviu, tratara de caminhar,
 Com seu capote nos braços, sem podê-lo enfiar,
 10 Suas alas atrás dela, sem podê-la alcançar.
 Chegando lá a donde ele, tratara de o abraçar.
 12 «Mulher minha, nã m'abrace, nã m'acabes de matar.
 Ainda há homens no mundo para contigo casar».

- 14 «Esse conselho, marido, nunca o hei-de tomar;
Peguei nas minhas contas, por ti hei-de as rezar.
16 Já nã me chamem senhora, Senhora Dona Maria,
Chamem-me a triste coitada, espedida da alegria,
18 Que lhe morreu o seu bem, que era a flor da galhardia».

Variantes: 1 ...à janela a espairecer, 2 Vira um paje que lá vinha, ...
5 Que vosso marido é morto em praias de Portugal. 7 Rebentou-lhe o fel do corpo, 'stá em risco d'escapar. 13 Ainda hão homes neste mundo...

Recitado por Maria da Natividade Rodrigues, de cerca de 70 anos, da Fajã Grande, em Setembro de 1941.

Idem por Maria do Rosário Jorge, uns dez anos mais nova, da mesma freguesia, que não foi além do v. 13.

2.

LIZARDA

- No jardim do seu recreio passeava ùa donzela
2 Tão linda coma engraçada, más linda que as flores belas.
O seu nome era Lizarda, única filha herdeira,
4 Filha do rei d'Aragão, por ser da casa primeira.
Seus disvelos e cuidados era um jardim de flores,
6 Que até ali nã cudara que havia deus dos amores.
Retirou-se p'ra outras quintas, suas aias divertia;
8 Com correntes de cristal alegre passava o dia.
... ..
Naquele monte sobranceiro um príncipe à caça andava,
10 Lizarda lhe pôs os olhos, tão simples como inocente,
Logo com seta de amor seu peito ferido sente.
12 «Vem cá tu, minha rica ama, discreta entre as mais flores,
Vai-me saber daquele homem, se ele morre dos meus amores».
14 «Senhora ama e princesa, isso à minha conta fica,
... ..
Mas recolha-se vossa alteza, recolha-se que nã convém
16 Arriscar a sua vida por amor dum querer bem».
«Daquele monte sobranceiro mirando este jardim
18 Eu vi estar ùa flor que parecia um jasmim».
«Essa flor, que vos deseja, ela mora aqui, alteza,
20 E deste jardim senhora, é deste reino princesa».
... ..
«Tu estás cá, firme amante, minha feição adorada?».
22 «Eu estou cá, luz dos meus olhos, minha rica prenda amada».
«Dá-me cá esses teus braços, que eu neles me quero ver,
24 Quero aparcas este fogo que em meu peito sinto arder».

- «Toma lá estes meus braços, também o meu coração;
 26 Também podeis aceitar por esposa a minha mão».
 «Adeus aias e criadas, minhas galas ajuntaí,
 28 Que eu pretendo esta noite sem demora me ausentar.
 Adeus aias e criadas, adeus jardim, adeus flores,
 30 Que eu pretendo esta noite ir com o deus dos amores.
 Adeus pai da minha alma, adeus mãe da minha vida,
 32 Que tão má paga vos deu vossa prenda mais querida».

Recitado pela Senhora Fernandes (Maria Fernandes Rodrigues), de cerca de 70 anos, da Fajã Grande, no Verão de 1942. Disse que a trova estava incompleta, mas que não era capaz agora de a recordar melhor. Aprendera-a com uma sua tia.

3.

CONDE D'ALEMANHA

- Já lá vem o claro sol, já lá vem o claro dia,
 2 Ainda o conde d'Alemanha com a rainha dormia.
 Não no sabia o rei, nem quantos na corte havia;
 4 Sabia Dona Bernarda, filha da mesma rainha.
 «Te peço, querida filha, nã me queiras descobrir,
 6 Que o conde é mui rico, de seda te há-de vestir».
 «Nã quero os vestidos do conde, se eu os tenho de damasco.
 8 Ainda tenho meu pai vivo, já me querem dar padraсто».
 «Te peço, querida filha, que lo nã vaias dizer».
 10 «As máingas do meu vestido eu nã nas chegue a romper,
 Se quando meu pai vier logo lo nã for dizer».
 12 Palavras não eram ditas, o rei à porta batia.
 «Que tendes, querida filha, que tendes qu'estais tã triste?
 14 Contai-me das vossas mágoas, que eu vos conto maravilhas».
 «Estando no meu tear, tecendo seda amarela,
 16 Velo o conde d'Alamanca, quatro fios me quebrou dela».
 «Esse conde é novinho, é novinho, quer brincar».
 18 «Arrengo de tal conde, más do seu negro brincar,
 Porque ele é atrevido, à cama me quis levar».
 20 «Te peço, querida filha, nã me queiras más contar.
 Já que o conde é atrevido, amanhã vai a enforcar».
 22 «Venha cá, senhora mãe, chegue-se a esta janela.
 Agora venha cá ver a volta que o conde leva».
 24 «Maldita sois, minha filha, más o leite que mamaste.
 Um conde tã galantinho, a morte que le causaste».
 26 «Cal'-se lá, senhora mãe, nã me faça arrengar.
 A volta que o conde leva, nã na queira mãe levar».

Recitado pela mesma Senhora Fernandes também em 1942.

A DONZELA ENCANTADA

- Caçador que foi à caça, na caça se foi um dia
 2 Atrás dum pombinho branco, e o pombinho le fugia.
 Anoitecera na serra, aonde casas não havia,
 4 Lá ao pé dum alvoredo tão alto à maravilha.
 No mais alto galho dele viu estar ùa donzila
 6 C'um pente d'oiro na mão, que pentear-se queria.
 O cabelo da sua cabeça todo o alvoredo cobria;
 8 Os olhos da sua cara toda a serra esplandecia;
 Os dentes da sua boca prata fina parecia.
 10 «Que fazeis aí, donzela, que fazeis aí, senhora?».
 «Sete fadas me fadaram no colo d'ua madre minha,
 12 Que vinhesse eu para aqui sete anos e más um dia.
 Onte fez os sete anos, hoje é o derradeiro dia».
 14 Ele le ofereceu as ancas do seu feroso cavalo,
 Que a sela nã le doía.
 16 Ao entrar n'ua vila,
 Ao espedir d'ua calçada, a donzila se sorria.
 18 «Que tendes vós, ó donzila, que tendes que vos sorris?».
 «Eu rio-me do cavaleiro, da vossa covardaria,
 20 Que achou a nina na serra e le guardou cortesia».
 Vira a volta, meu cavalo, que as esporas são perdidas».
 22 «Adiente, cavaleiro, não faça tal tornaria,
 Pous se elas eram de prata, meu pai de oiro las daria.
 24 As varandas de meu pai lavra-se oiro todo o dia,
 Que eu sou de sãingue real, neta dum rei de Castilha,
 26 A filha do rei de França, nossa mãe Dona Maria».
 «Valha-me Deus com tal sorte, valha-me Deus com tal dita,
 28 Pensei que trazia dama e trago irmana minha».

Recolhida na Fazenda das Lajes por Jacob Tomás Pereira, foi-me comunicada em 1952 e vinha disposta em versos de redondilha maior. Na carta que a acompanhou dizia-me que lá lhe davam o título de «A Moirinha», derivado do estribilho com que a cantavam antigamente:

Moira, moira
 De la moira
 Moiraria.

Era, pelo menos até 1951, um dos romances mais vulgares na tradição das Flores, tão vulgar quase como «O Lavrador do Arado». Na Fajã Grande, onde obtive mais duas versões, chamavam-lhe «A Donzela Encantada» e o caçador que a encontra na serra leva numa o nome de Dom Pedro e na outra,

acaso por contágio da memória da guerra civil dos dois irmãos,
o de Dom Pedro e Dom Miguel:

Dom Pedro e Dom Miguel à caça fora um dia,
Nã viu nada que caçar, mas algũa coisa havia.

5.

DOM PEDRO PEQUENINO

- O francês tinha três filhos, três filhos tinha o francês,
2 O rei os mandou chamar, cada um por sua vez:
O más velho p'ra o vestir, o do meio p'ra o calçar,
4 Dom Pedro, por ser más mouço, para o rei barbear.
Passara-se poucos dias, ao rei foram acusar
6 Que tinham visto Dom Pedro c'a sua filha a namorar.
O rei, que de tal soibe, mandara-o aprisionar
8 E aviso a sua mãe, que amanhã vai-se enforçar.
Caminhara um mensageiro, depressa, não devagar:
10 «Novas vos venho trazer que bem tristes são de dar:
Que o vosso filho está preso e amanhã vai-se enforçar».
12 A mãe, que aquilo ouviu, tratara de caminhar,
Com seus vestidos nos braços, sem nos poder enfiar,
14 Suas aias e criadas sem na poder acompanhar.
«Que fazes aqui, meu filho, minha carne natural?».
16 «Estou preso por amores com a princesa real».
«Pega na tua viola e toca ùa paixão,
18 daquelas que teu pai tocava nas manhãs de São João».
«Nunca vi ùa mãe tã dura, tã cruel do coração.
20 Vê que o seu filho está preso e pede-le ùa paixão».
«Canta, meu filho, canta, tocada do coração».
22 «Agora já são nove horas, às dez me vão degolar,
Mas ainda entes que eu morra meu russinol vai cantar.
24 Nã sei quando nasce o dia, nã sei quando nasce o sol
Senão pelas avezinhas que me cantam ao redol.
26 Já o linho enfloresceu e o trigo 'stá em pendão,
Hoije é o dia em que os mancebos más as suas damas vão
28 P'lo caminho da ribeira festejar o Sã João.
Uns levam cravos e rosas, outros o verde limão;
30 Todos gozam seus amores, só eu 'stou nesta prisão».
'tava o rei no seu passêlo más a princesa real,
32 Iscutara aquelas vozes, seu cavalo fez parar:
«Oh, que vozes serão estas que eu aqui oiço cantar?
34 Serão os anjos do céu ou as sereias do mar?».
«Nã são os anjos do céu nin as sereias do mar,
36 É Dom Pedro Pequenino, que meu pai mandou matar.
Eu queri-o p'ra marido, mas meu pai nã mo quis dar».

- 38 «Se o querias p'ra marido, que Deus to deixe gozar,
Que eu matá-lo já nã mando, pelo seu lindo cantar.
40 Ordena ao carçareiro que el' to vaia já soltar».
E fez-se o casamento com prazer e alegria;
42 E se ainda nã morreram ainda vivem hoje in dia.

Ditado por Francisco Maria Nóia, de 18 anos, do lugar da Coada, no Verão de 1942. Decorara esta trova na Fajãzinha, ensinada por uma mulher de lá. Acrescento que este meu informante vive agora na Califórnia.

As duas outras versões que recolhi, na Fajã Grande e na Fajãzinha, são um bocado diferentes.

De notar que os v. 12-14 desta, que, aliás, as outras versões repetem com poucas variantes, correspondem aos v. 8-10 da «Morte do Príncipe Dom Afonso». Os finais, 41-42, concluem também outro dos romances que agora não publico e também ocorrem como fecho de contos de feliz fim, às vezes com a variante: «E passaram a viver...».

6.

QUE FAZES AÍ, SOLDADO?...

- «Que fazes aí, soldado, ao rigor da estação?».
2 «'stou metendo sentinela, aindas que nã seja um cão».
A camisa era tã grossa, serveria de colchão.
4 «Ei-lo aqui o triste pago que dão a este batalhão».
As calças eram tã largas, faziam sombra no chão.
6 «Ei-lo aqui o triste pago que dão a este batalhão».
As mēias eram tã ralas, bõas de pescar camarão.
8 «Ei-lo aqui o triste pago que dão a este batalhão».
Os sapatos eram tã grandes, palmo e meio de tacad.
10 «Ei-lo aqui o triste pago que dão a este batalhão».
A comida era tã pouca, in vez de carne feijão.
12 «Ei-lo aqui o triste pago que dão a este batalhão».
«Amigo, se queres vamos a palácio reclamar.
14 Se o rei nã te der rezão, cá 'stou eu p'ra argumentar».
O rei nin ũa nin duas, coma se fosse de pau;
16 A rainha antão dezia: «Deves de ser grande marau».
«Eu nã sou nenhum marau, nin pertendo à Angola;
18 Só quero o meu livramento, nã peço nenhũa esmola».

Recitado por José Inácio Mateus, vulgo José Inácio da Ponta, por ser natural deste lugar, de cerca de 65 anos, na Fajã Grande, em Novembro de 1944.

V. P.º JOSÉ LUÍS DE FRAGA, *Cantares Açorianos*, vol. I (único publicado), Angra do Heroísmo, 1963, p. 25, e música no apêndice (n.º 16).

7.

MARAVILHAS DO MEU VELHO

Maravilhas do meu velho tenho eu para contar:

- 2 Dava-me real e mêio par' eu vestir e calçar
E o resto que me ficasse que lo havia de dar
- 4 P'ra se comprar de tocinho par' ajuda do jantar.
Tenho o meu linho no lago e o meu velho a morrer;
- 6 Entes o meu velho morra que o meu linho se perder.
Ergui-me de manhã cedo p'ra d'ir fazer a barrela,
- 8 Achei o meu velho morto entre as pedras da janela.
Entre as pedras da janela, encostado ao poial,
- 10 Qu'ele gostava de d'ir de noite comer peras p'ra o quintal.
Fui chamar as choradeiras, que mo vinhessem chorar;
- 12 Bem chorado, mal chorado, vaia-se o velho enterrar.
A perca do meu marido é perca dum alguidar:
- 14 Quebra-se um e merca-se outro, fica no mesmo lugar.
Mandei ter c'o crapinteiro, fizesse-le um caixão de pinho,
- 16 Que le ficasse à medida, dos artelhos ao focinho.
Mandei ter com o sineiro, que o sinal fosse tocar,
- 18 Bem tocado, mal tocado, nin que fosse a repicar.
Mandei ter com o coveiro, que a cova le fosse abrir:
- 20 Sete varas de fundura, nã possa de lá fugir.
Mandei avisar o padre, para bem de o encomendar:
- 22 Que o encomendasse a preceito, mêio a rir mêio a cantar.
E lá se vai o meu velho, lá se vai, deixem-no d'ir,
- 24 Que ele era amante do vinho e das monças de servir.
Ó homens de mesericórdia que o meu marido levals,
- 26 Desencostai-o das paredes, nã no encosteis aos portais.
Desencostai-o das paredes, desarredai-mo das portas,
- 28 Que ele era pior que os gatos, de noite por essas hortas.
Vinha já fora do adro, vinha já de o enterrar,
- 30 P'lo caminho me deziã, «Viúva, torna a casar».
Eu cá casar, casaria, se nã fosse os maldezentes:
- 32 «Olha a patifa da velha, ainda quer a cama quente».

Cantado e depois ditado por Manuel Mariano, de cerca de 50 anos, da Fajãzinha, em 1945.

Na Fajã Grande, informou-me minha mãe, que me ditou outra versão, menos completa e com variantes, cantava-se muito ainda à roda de 1910.

Sobre esta trova v., in *Revista do Minho*, I ano, Barcelos, 1885, o artigo não assinado, com uma versão, «Tradições Populares», pp. 45-46, o de J. LEITE DE VASCONCELLOS, «A Viúva Resignada», p. 58, e o de F. ADOLFO COELHO (com uma nota final de LEITE DE VASCONCELLOS), «As Maravilhas do Velho», pp. 61-62. COELHO, como aí diz, publicara as suas duas primeiras versões, recolhidas em Coimbra, em «Romances Populares e Rimas Infantis Portuguesas», in *Zeitschrift für Romanische Philologie*, III, Halle, 1879, pp. 68-69. As posteriores deram-nas LEITE DE VASCONCELLOS, ATAÍDE OLIVEIRA, TEÓFILO BRAGA, A. TOMÁS PIRES e PEDRO FERNANDES TOMÁS. Quanto aos Açores, além de uma versão da Lomba do Botão, ilha de São Miguel, que EUGÉNIO PACHECO publicou n' *O Preto no Branco*, de Ponta Delgada, n.º 93, 7-10-1897, v. MANUEL DA COSTA FONTES, *Romanceiro Português do Canadá*, p. 255, e *Romanceiro Português dos Estados Unidos*, I: *Nova Inglaterra*, p. 119.

8.

A DONZELA ENGANADA

- «Que fazeis por 'qui, ó dama, às quatro horas do dia?».
- 2 «Você me anda esplando, eu nã preciso de espia.
Você não se lembra, amante, que deveras me jurou
- 4 Que a mim nunca me deixava? Por fim sempre me deixou.
Mas vai-te, cruel ingrato, longe de mim habitar;
- 6 Deixa chegar amanhã, que ao juiz m'hei-d'ir queixar».
«O senhor juiz de fora, saiba vossa senhoria,
- 8 Ajoelho a vossos pés com esp'ranças d'alegria.
Indo eu em certo dia c'um recado de meu pai,
- 10 Incontrei este mancebo, me perguntou: «P'r'onde vai?».
Eu como menina humilde e de boa educação
- 12 Respondi ao mancebo: «P'ra perto e caminho chão».
Adiantei os meus passos, como quem levava pressa,
- 14 O diacho do mancebo sempre a puxar a conversa.
Primeira coisa que disse: «Lindos cabelos doirados.
- 16 Eu pedia a Deus, menina, que fosse do seu agrado».
Segunda coisa que disse: «Lindos olhos de botões.
- 18 Eu pedia a Deus, menina, que unisse nossos corações».
Treceira coisa que disse: «Que boca tã bem formada.
- 20 Da cintura para cima toda vós sois delicada».
«Vaia-se a donzela embora, co' seu coração descansado;
- 22 Ou eu deixo de ser juiz, ou ele há-de ir p'ra soldado».
«Venha cá, senhor assassino, ó homem duro e malvado!»

- 24 Você casa co'a donzela, ou há-de ir para soldado».
«Casar com ela nã caso, saiba vossa senhoria;
- 26 O que eu posso fazer, vá p'ra a minha companhia».
«Venha cá, senhor assessino, ó homem tão imprudente!
- 28 Você que diz à donzela diente de tanta gente?».
«Ela ia a casa da tia juntamente com a avó.
- 30 Responda daí, ó dama, se eu lá a encontrei só».
«Ah, ladrão, que m'inganaste, tendo eu só dezoito anos!
- 32 Mal-horados amor's meus, só me deram desinganos».

Recitado pela já referida Senhora Fernandes, da Fajã Grande, em Agosto de 1942.

9.

O CASADO ARREPENDIDO

- «Meu sogro, quero falar-le, mas é mûito em particular;
- 2 Quero hoje sin demora consigo desabafar».
«Das seis horas in diente nã tenho nada a fazer.
- 4 Assim com tanta urgência, que tem para me dizer?
Se é para pedir dinheiro, 'scusa de tempo perder».
- 6 «Nã é para pedir nada o que l'eu quero contar;
Se nã leva mûita pressa, eu já le posso falar.
- 8 Eu casei com sua filha, mas nã na posso aturar».
«Para mim é novidade o que m'estais a dezer.
- 10 Se nã na pode aturar, antão que l'hei-de fazer?
Eu tamém com sua sogra custa-me bem a viver».
- 12 «Antão já ven de familia, nã há nada que estranhar;
Mas eu nã 'stou resolvido com ela m'incomodar.
- 14 P'ra nã fazer ùa asneira, é melhor me desquitar».
«Venha cá, senhor finório, nã faça coisas no ar.
- 16 E que ela é mûito nova, o que le falta é pensar;
Nunca fez certos trabalhos, é preciso a ensinar».
- 18 «Com vint'oito anos d'idade nã tem o pensar devido?
Mas sabe ela a toda a hora maltratar o seu marido.
- 20 Entes quebrasse ùa perna do que a ter arrecebido».
«Sim senhor, diz mûito ben, mas eu nã fui o culpado.
- 22 Se casou com minha filha por ninguém foi obrigado
E ela se casou com você, nunca foi do meu agrado».
- 24 «Se eu sabia o que sei hoje, nunca casava com ela,
Que o serviço que ela faz, é deitada ou à janela.
- 26 Tem tudo quanto é de mau, até toma a sua piela».
«Um home que assim fala nã é home cavalheiro.
- 28 Se nã qu'ria ser casado, porque nã pensou primeiro?
Mas você gostou dos dez contos que ela levou em dinheiro».
- 30 «Tivesse eu tanto de santo coma estou d'arrependido,
Nin com cem contos de dote, nunca a tinha arrecebido.

- 32 Não há dinheiro que pague o que com ela tenh' sofrido».
 «Nã se chama isso sofrer, chama-se antes gozar,
 34 Mas a sua cara indica home de pouco pensar.
 Não é coisa que se faça defamar ùa mulher,
 36 Minha filha vai comigo, dê lá para onde der;
 Você vai p'ra a rua certa, tem lá o que você quer».
 38 «Tome você conta dela, p'ra mim é ùa alegria,
 Fico livre do diacho cá da minha companhia».

*Recitado pelo já mencionado José Inácio Mateus em Julho de 1943.
 Disse-me ter a ideia de que este caso vinha num folheto que vendiam
 quando era rapaz e depois lhe leram.*

10.

A MÃE E A FILHA

- «Margarida, anda par' dentro, já te nã torno a chamar;
 2 Com esta já são três vezes, são horas de vir's jantar».
 «Sejam três ou sejam quatro, sejam as que mãe quiser;
 4 Agora nã le dou ouvidos, que já sou ùa mulher».
 «Muito cedo, minha filha, já te queres governar;
 6 Ainda és muito novinha para assim poder's falar».
 «Tenho quinze anos de idade, c'ma mã deve de saber,
 8 E mãe só tinha catorze quando se foi arreceber».
 «Ainda nã nos tinha feito, confesso esse pecado;
 10 Mas tinha bastante juizo e o teu é muito ventado».
 «Ai, ai, ai, deixa-me rir, não por ter essa vontade;
 12 Qual de nós terá más juizo, se for a falar verdade?».
 «Atrevida, lambareira, já te nã posso aturar!
 14 Porque nã vinheste logo que chamei para jantar?».
 «Eu ben sei que é minha mãe, presto-le mil atenções;
 16 Só nã quero que me chame naquelas ocasiões».
 «Te protesto, Margarida, de o teu namoro acabar»;
 18 Tu és muito leviana, nã 'stou para te vigiar».
 «Nã preciso de vigias, que eu sei bem m'acautelar.
 20 Soibesse pal certas coisas, tinha más que vigiar».
 «Senhor Deus, qu'estás dizendo? Dou-te pancadas sem fim!
 22 Tu é que vais ser do causo de teu pai se apartar de mim».
 «Talvez que nã chegue a tanto, mas vai ser forte merenda;
 24 Eu sel que a nossa casa precisa levar emenda».
 «Nã sel que emenda sará, nã faço coisas mal feitas;
 26 Eu é que devo d'ajustar contigo contas direitas».
 «Contas que tenha a fazer, faça-mas já sin demora.
 28 Que quer o compadre daqui quando pai se vai embora?».
 «Com maldade isso não é, teu pai de mim é respeitado.
 30 Nã vês que é nosso compadre e temos medo do pecado?».

- «Ai quantas e quantas vezes me ponho aí a iscutar.
 32 Oiço falinhas de boca, sinto beijos a 'stralar».
 «Visto que tens descoberto o segredo da maldade,
 34 Continua o teu namoro, dou-te toda a libardade».
 Estavam nesta aprofia, o marido a entrar.
 36 «Entra, home, cá p'ra dentro, estava em ti a pensar».
 «Espera-me, desavergonhada, que o teu pensar não é mau;
 38 Vou-te dar a recompensa com este pedaço de pau».
 «Aque d'el-rei, quim m'acode, meu marido quer-me matar!
 40 Talvez que o meu compadre esteja m'ouvindo gritar».
 Foi tanta a pancadaria, pose-l'ó corpo núa lama;
 42 Esteve a malvada mulher más de três meses de cama.
 «Nenhuns remédios tomou», dizia o povo da ilha;
 44 «Olhem que mãe era aquela, conselhos que dava à filha!».

Recitado pelo mesmo José Inácio Mateus, Julho de 1943. Disse-me que vinha nuns folhetos que liam nos serões no seu tempo de rapaz.

O v. 43 parece indicar tratar-se de um caso açoriano, e, como se sabe, tanto em Ponta Delgada como, sobretudo, em Angra do Heroísmo imprimiu-se no século passado e já neste bastante literatura de cordel em verso.

V. MANUEL DA COSTA FONTES, *Romanceiro Português do Canadá*, pp. 378-379, e *Romanceiro Português dos Estados Unidos*, I: *Nova Inglaterra*, pp. 191-192.

11.

O COELHO E A COELHA

- Andando um belo coelho núa rocha a passear
 2 Avistou úa coelha, foi-lhe falar p'ra casar:
 «Adeus, minha rica amada, minha bela coelhinha,
 4 Te venho falar d'amores, com tenção de tu ser's minha».
 A coelha respondeu, com grande consid'ração;
 6 Que amores não pretendia, logo le disse que não.
 «Nã me fales tu assim, com palavras tã tiranas.
 8 Deves d'amar o mundo e ganhar as suas famas».
 «Desvie-se para lá, não escorregue no lodo;
 10 Quero más às minhas famas do que quero ao mundo todo».
 «Se p'ra todos in geral e pous p'ra mim sois assim,
 12 Nã me vou daqui imhora sin de ti levar o sim».
 «Coma posso-m'eu fiar nessa tua mansidão,
 14 Se eu de ti nada conheço nin sei a tua tenção?».
 «Se de mim tu t'arrecéias, o teu recêto é culposo».
 16 «Dá cá a tua mão direita se queres ser o meu 'sposo».

- O coelho, que ouviu isto, saltou com muito prazer,
 18 Tirou o anel do dedo e lo foi oferecer:
 «Toma lá este anel, minha linda coelhinha;
 20 Toma lá este anel, co'a tenção de seres minha». Pregar' um na mão do outro, choraram na despedida:
 22 «Adeus, minha rica amada, minha coelhinha qu'rida». Passaram-se oito dias sem se tornarem a ver,
 24 O coelho a foi précurar p'ra se d'irem receber. E viveram muitos anos com grande sasteção
 26 Núa cova que fizeram debaixo do frio chão. A cova era estreita, lá nasceram seus lindos;
 28 Ao cabo de nove meses tiveram sete filhinhos. Saíra a coelha de casa na graça de Deus Senhor,
 30 Quando voltou vinha f'rida do tiro do caçador. «Que tendes, minha rica esposa, que vendes tã desmaiada?».
 32 «Cala a boca, qu'rido esposo, nã te posso contar nada; Só o que te posso dizer, que vás chamar o doutor.
 34 Porque eu venho ferida do tiro do caçador». Saiu o coelho de casa cansado do coração,
 36 Foi apressado à botica chamar o cerugião. Quando este chegou à casa, remédios nã receiptava,
 38 Logo o desembaraçou, que ela que nã 'scapava. Foi o coelho para a rocha chorar a ausência do amor,
 40 Que ela morrera inocente, do tiro do caçador. Voltando antão para casa, de cansado s'assentou:
 42 «Quin foi o grande ladrão que meus filhos me roubou?». Saiu o coelho de casa, agora já sin ninguem,
 44 Perguntou a seus vezinhos se por li passara alguem. «Passou o gato patife, que os coelhinhos levou».
 46 «Aquele gato ladrão, que os meus filhos roubou! O gato, gato maldito, que a todos me levou,
 48 Nã olhou eu ser viúvo e nin só um me deixou!».

Também recitado por José Inácio Mateus, Verão de 1943.

Notei que a trova era conhecida na Ponta, Fajã Grande e Fajãzinha, mas não encontro nenhuma outra versão nos meus cadernos.

V. ÁLVARO RODRIGUES DE AZEVEDO, *Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, pp. 441-444, e EDUARDO ANTONINO PESTANA, *Illa da Madeira*, I, *Folclore Madeirense*, pp. 127-129 (duas versões). Até agora, que seja de meu conhecimento, nenhuma versão foi registada fora da Madeira.

GALINHA PINTADA

2 Minha galinha pintada
 Vem-me da banda do Topo,
 Anda d'amores com galos,
 4 Não me quer cair no choco.

6 Minha galinha pintada
 Põe-me três ovos num dia;
 Se ela me pusesse quatro,
 8 Que dinheiro eu nã fazia!

10 Já me davam p'la cabeça
 Os olhos de ũa abadessa.
 Com isso nã me contento,
 12 Xô p'ra fora, xô p'ra dentro,
 Xô galinha p'ra o convento!
 14 Já me davam pela crista
 Sete varas de linguiça.
 16 Já me davam pelo bico
 O Falal e más o Pico.
 18 Já me davam p'lo pescoço
 Dous alqueires de tramoço.
 20 Já me davam pelo papo
 Cinco livras de tabaco.
 22 Já me davam pela pena
 ũa vaquinha morena.
 24 Já me davam pelas tripas
 Sessenta varas de fitas.
 26 Já me davam p'la moela
 Oitava e meia de canela.
 28 Já me davam pelas asas
 Um prédio de duas casas.
 30 Já me davam pelos pés
 Meia arroba de rapé.
 32 Já me davam p'lo oveiro
 Um saquinho de dinheiro.
 34 Já me davam pelas unhas
 Um carro com suas cunhas.
 36 Já me davam por ela toda
 ũa noiva e más a boda.
 38 Galinha de tanto preço
 Nã se troca nin se vende;
 40 Xô p'ra fora, xô p'ra dentro,
 Xô galinho p'ra o convento!

Cantado e depois ditado por Fernando Lourenço Avelar, de cerca de 30 anos, da Fajãzinha, em Maio de 1943. Como já não recordasse bem o que ouvira há bastantes anos cantado à viola por um tal António, ajudaram-no Manuel de Freitas e Angelo de Freitas Henriques, da mesma freguesia. O comento-estribilho, vv. 11-13, segue-se a cada oferta, até v. 35.

O topónimo Topo (v. 2) corresponde a um sítio, com terras de mato e inhamais, das imediações da Fajãzinha e não à antiga vila do Topo da ilha de São Jorge.

V. a versão de Santa Cruz («Santiana») in P.º JOSÉ LUÍS DE FRAGA, *Cantares Açorianos*, pp. 10-12, com música no apêndice sob o n.º 2. CÉSAR DAS NEVES e GUALDINO DE CAMPOS, *Cancioneiro de Músicas Populares*, III, Porto, 1898, p. 91, dão outra versão açoriana (de São Jorge?), e TEÓFILO BRAGA, *Romanceiro Geral Português*, II, pp. 291-294, dá-as de Penafiel e do Cano, Alentejo. Já vi outra numa colectânea de folclore brasileiro do Rio Grande do Sul.

13.

ADEUS DOS VOLUNTARIOS

A 27 de Abril,
 2 Das cinco p'ra as seis da tarde,
 Embarcaram os voluntários,
 4 Oh, meu Deus, que crueldade!

Não sei com que coração
 6 Ponho os pés nestes navios;
 Deixo minha mãe chorando,
 8 Minha mulher e meus filhos.

Adeus, ó querido pai,
 10 Deite-me a sua benção;
 Eu vou p'ra os campos do Sul
 12 Defender minha nação.

Adeus, ó querida mãe,
 14 Abraçal-me com valor;
 O Brasil é nossa pátria,
 16 Dom Pedro nosso imperador.

18 Adeus, ó querida esposa,
A quem devo tanto e tanto;
Pede a Deus do céu que eu volte
20 Para enxugar teu pranto.

22 Adeus, ó queridos filhos,
Vinde abraçar vosso pai,
Que em breve vai partir
24 P'ra os campos do Paraguai.

26 Adeus, ó querida irmã,
Anjo de céu, flor da terra;
Já oiço o som da trombeta,
28 Que me chama para a guerra.

30 Adeus, ó querida igreja,
Adeus, ó templo sagrado,
Adeus, ó sagrada pia
32 Onde eu fui baptizado.

34 Adeus terra do meu berço,
Pátria minha tão querida;
Em defesa dos teus brios
36 Vou arriscar minha vida.

Variantes: 1, A 24 de Abril. 2, Das quatro p'ra as seis da tarde. 6, Ponha os pés neste navio. 11, Eu vou p'ra terras do Sul. 12, Defender nossa nação. 16, Dom Pedro o imperador. 27, Já oiço o som da corneta.

Versão recolhida no Lajedo pelo professor e poeta JOSÉ LUIS DE SERPA (1907-1964), dali natural, que ma mandou em Dezembro de 1952. A de que ponho as variantes é da Fajã Grande, onde me foi recitada em 1945 por uma familiar minha. Como então anotei, este adeus também era conhecido e bastante popular na Ponta e na Fajãzinha.

V. MANUEL DA COSTA FONTES, *Romanceiro Português do Canadá*, p. 359. De notar que a sua informante também era das Flores, natural da freguesia dos Cedros. Não foi além do v. 24.

CÉSAR DAS NEVES e GUALDINO DE CAMPOS, *Cancioneiro de Músicas Populares*, III, p. 240, registaram a primeira quadra conforme a versão da Fajã Grande, mas opinam, não atino com que fundamento, tratar-se de uma «alusão» a acontecimentos das lutas pela liberdade na Terceira à roda de 1830.

Ora o texto é bem explícito a respeito de se tratar da guerra do Brasil contra o ditador paraguaio Solano López e de um embarque de um dos batalhões dos chamados Voluntários da Pátria. Que viesse para os Açores não é de se estranhar dado que naquele tempo ainda se emigrava muito das Ilhas para o Brasil.

14.

O CASAMENTO DO MARUJO

2 No gozo da minha infância,
 Ainda quaise ùa criança,
 Das amadas fui querido,
 4 Logo me ficou no sintido
 A más bela e ingraçada.
 6 Le falei p'ra minha amada,
 Nin o pai nin a mãe quis,
 8 Ai de mim, tão infeliz!
 Com quinze anos de idade
 10 Fui antão para a cidade
 E imbarquei na «Salvaterra»
 12 Por ser boa nau de guerra.
 Corri todos os Açores
 14 Para ver se achava amores
 A minha sastefação,
 16 Foi ùa bela ocasião,
 A filha de mestre Amaro
 18 Que o pai tinha por amparo
 E era ùa bela costureira,
 20 Dava pontos à fielra;
 Aquilo era um gosto vê-la,
 22 Más linda de que ùa estrela.
 Tinha os olhos bonitos,
 24 Os meus ficaram aflitos.
 Logo ao sair da missa
 26 Fez-me ùa linda malícia;
 Meu coração deu um ai,
 28 Fui logo falar ao pai.
 O pai ficou mui contente,
 30 Foi dezer à sua gente
 Quin casava com a filha.
 32 Até da ponta da ilha
 Veio gente ao meu casamento,
 34 Homes de grande talento,
 O regedor e o cura,
 36 Más o filho da Ventura,

38 Com violas e rebecas,
Vinho em potes e canecas.
40 O dia do meu noivado
Deixou tudo admirado!

Recitado por Angelina de Sousa Fagundes, de 27 anos, da Fajã Grande, em Julho de 1942. Tinha aprendido este caso com Ana de Fraga, sua vizinha, então de à roda de 80 anos, e esta disse-me que o ouvira sendo rapariga, cantado por uma mulher de São Miguel.

Cf. URBANO DE MENDONÇA DIAS, *A Vila*, vol. 5.º, Vila Franca do Campo, s. d. [1922?], pp. 110-111: «O Meu Noivado». — De notar, suposto que «O Casamento do Marujo» provenha mesmo de Vila Franca do Campo, que nas Fajãs das Flores se estabeleceram desde à roda de 1860-1865 algumas famílias de pedreiros que eram de lá e da vizinha freguesia da Ponta Garça.

15.

CONTO DO ESPIRRO

Era ùa vez além dos más um casal, ele chomado Nicolau, ela já nã se sabe, só que era de mûito mau gênio, sempre a atazanar o pobrezito, que aquilo nunca memo se viu mulher de tã má pinga, nã havia nada que fazer com ela, sempre com tirapuxas, sempre a pelear, na vezinhança nã na podiam ver nin pintada, era temivle, da pel' do eiramá. Coma o Nicolau a aturava todos se admiravam e por isto ainda más deziã bem dele, um home bem criado com toda a gente, e curzidoso coma aí há poucos.

Pous vai um dia, mal o home chegou a casa, horas de cêla deveram de ser, por ùa coisa de nada os estraloioços e o arrebate daquela bisca malina! A pontos que se desintinderam de todo, nin se sabe se ele teve que a malhar, só que à fim dũa peleija que parcia vir tud'abaixo assentaram devedir quanto tinham dentro in casa, cada um p'ra seu lado e sin más se falarem. E coma só havia ùa barra, o modo de tamên a devedirem fol pór um tabuão p'lo méio da cama de baixo a riba, quer-se dezer, da tarje aos pés, e cada um a dormir de sua banda. E este amanho durou somanas e somanas, ùa grandeza de tempo. O demonho da mulher bem se metia, ora braba ora más à mansa, dia in dia más mansa que brada, mas o Nicolau, boca calada, nin ùa nin duas, nã le dava o troco.

E deu-se antão o caso que andando ele lá nos seus amanhos das terras apanhou ùa molhadura e daí le veio ùa defluxama e ùa tosse que o pobre levava o dia naquilo, o dia e a noite, a tossir e a 'spirrar. Até que ùa dessas noites, deitados cada um deles de sua banda da cama,

o home deu um tal espirro que a mulher, agora já com pena dele, nã s'aguantou más e disse:

— Deus t'ajude, Nicolau.

Ele ainda quis fazer que nã na tinha oivido, que aquilo não era consigo, mas ao despous intindeu que já era o bastante p'ra castigo dela, e então respondeu-le:

— O mulher, se é do coração, tira-se já o tabuão.

E tiraram-no e quanto se sabe e deve de ser vardade daí in diente nunca más hoive inticas nin guerras entre os dous.

Ouvindo na Jajã Grande, desde há mais de cinquenta anos, a vários contadores de contos, homens e mulheres.

Era ãa vez além dos más... Assim era a fórmula do começo dos contos nas Flores no tempo em que me criei. — *Tirapuxas*: intrighadas; discussões. — *Eiramá*: um dos muitos nomes que nas Flores dão ao diabo, raro referido pelo próprio. — *Curzidoso*: diligente e perfeito no que faz, como no galego. — *Barra*: leito, isto é, a armação de madeira ou de ferro em que assenta a cama propriamente dita. — *Grandeza de*: muitíssimo, imenso. — *Demonho*: demónio, claro está. A mesma nasalação ocorre em António; em certas zonas da ilha, *demõinho* e *Antõinho*.